

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARIA DOS PASSOS PEREIRA DE ALMEIDA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE EGRESSAS DA EJA NA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFG
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS**

Águas Lindas de Goiás - GO
2023

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Maria dos Passos Pereira de Almeida

Matrícula: 20201140050272

Título do Trabalho: Histórias de vida de egressas da EJA na Licenciatura de Ciências Biológicas do IFG campus Águas Lindas de Goiás

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- I. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- II. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- III. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.



Documento assinado digitalmente
MARIA DOS PASSOS PEREIRA DE ALMEIDA
Data: 08/11/2023 21:32:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Águas Lindas de Goiás, 25/09/2023.
Local Data

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARIA DOS PASSOS PEREIRA DE ALMEIDA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE EGRESSAS DA EJA NA
LICENCIATURA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFG
CAMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás, desenvolvido na linha de pesquisa Educação Popular e Democratização das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cláudio de Araújo Júnior

Águas Lindas de Goiás - GO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Almeida, Maria dos Passos Pereira de.

A447h Histórias de vida de egressas da EJA na licenciatura em Ciências
Biológicas do IFG Câmpus Águas Lindas de Goiás / Maria dos Passos
Pereira de Almeida. – 2023.
55 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências
Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás, Câmpus Águas Lindas de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cláudio de Araújo Júnior.

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Institutos Federais:
Verticalização e Territorialidade. 3. Narrativas Autobiográficas. I.
Araújo Júnior, Antônio Cláudio de (orientador). II. Título.

CDD: 374

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Myriam Martins Lima – CRB-1: 3582,
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Águas Lindas de Goiás.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DOS PASSAS PEREIRA DE ALMEIDA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE EGRESSAS DA EJA NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFG
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas, desenvolvido na linha de pesquisa Educação Popular e Democratização das Ciências sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Cláudio de Araújo Júnior

Aprovado em 25 de Setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Antônio Cláudio de Araújo Júnior

Orientador

(assinado eletronicamente)

Prof. Dirceu Luiz Hermann

Docente do Departamento

(assinado eletronicamente)

Profa. Maria Luiza de Araújo Gastal

Avaliadora Convidada

Documento assinado eletronicamente por:

- Maria Luiza de Araújo Gastal, Maria Luiza de Araújo Gastal - Docente - Unb (00038174000143), em 27/09/2023 10:29:48.
- Dirceu Luiz Hermann, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 25/09/2023 21:15:07.
- Antonio Claudio de Araujo Junior, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 25/09/2023 21:10:18.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 24/09/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 457378

Código de Autenticação: 51e2b9dc78



AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que estiveram ao meu lado durante essa jornada acadêmica, contribuindo de forma significativa para a conclusão do meu TCC. Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha gratidão a Deus, pois sem Sua orientação e força, eu não teria alcançado esse marco em minha vida.

Aos meus pais, minha querida mãe Ana Pereira e meu pai Vicente Pereira (em memória), sou imensamente grata por todo amor, apoio e sacrifícios que fizeram ao longo da minha vida. Vocês são a minha base e fonte de inspiração, e a dedicação que tiveram em meus estudos é um reflexo do amor incondicional que sempre demonstraram.

Minha filha Sheyla Paula, você foi um verdadeiro anjo em minha vida durante a elaboração deste trabalho. Sua ajuda, encorajamento e paciência foram essenciais para a conclusão bem-sucedida deste projeto. Agradeço por estar sempre ao meu lado, motivando-me nos momentos mais desafiadores.

Aos meus filhos, Guthierry e Théo, vocês são minha motivação constante. Seu amor e compreensão durante os momentos em que precisei me dedicar ao meu estudo foram essenciais. Obrigada por entenderem a importância deste projeto em minha vida.

Agradeço, aos meus irmãos que acompanharam a minha trajetória e torceram por mim, por meio de orações e motivações.

Natália Santos, minha amiga querida, sua presença constante e apoio inabalável foram de imensurável valor.

Ao meu orientador, o professor Antônio, sou imensamente grata por sua orientação e sabedoria ao longo deste trabalho. Sua expertise e comprometimento foram fundamentais para o desenvolvimento do meu TCC, e sua paciência e encorajamento me ajudaram a superar obstáculos e aprimorar meu trabalho.

Agradeço também aos meus colegas de turma, principalmente Igor Called e Maria Neiva, que estiveram ao meu lado durante todo o curso, compartilhando conhecimentos e oferecendo ajuda mútua. Juntos, enfrentamos desafios, superamos dificuldades e construímos uma amizade duradoura.

Um agradecimento especial aos meus patrões, Bruna e Bruno, pela compreensão e apoio ao longo desta jornada acadêmica. Sua flexibilidade e incentivo foram fundamentais para conciliar meu trabalho com os estudos, e sou grata pela confiança depositada em mim.

Agradeço ainda às minhas colegas Erika Barbosa, Cleonice Alves, Francisca Eudes, Maria Fabiana, Patrícia e Maria Neiva por concordarem em compartilhar suas histórias em meu TCC. A presença de suas experiências enriqueceu este trabalho, e sou grata pela disposição de vocês.

Por fim, expresso minha gratidão a todos os meus professores, que estiveram presentes em minha jornada no IFG. Suas orientações, conhecimentos e incentivo foram fundamentais para minha formação acadêmica, e sou grata por ter tido a oportunidade de aprender com profissionais tão dedicados e inspiradores.

HISTÓRIAS DE VIDA DE EGRESSAS DA EJA NA LICENCIATURA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFG CAMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS

MARIA DOS PASSOS PEREIRA DE ALMEIDA

mariaa.dospassos@gmail.com

Orientador: Antônio Cláudio de Araújo Júnior

antonio.araujo@ifg.edu.br

Resumo

Este trabalho parte de uma discussão sobre o papel dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) enquanto instituições públicas, inclusivas e democráticas, estruturadas na formação integrada e nos princípios de territorialidade e verticalização. Compreendendo este segundo princípio como a oportunidade de elevação da escolaridade pela presença da educação básica e da educação superior dentro de um eixo tecnológico em uma mesma instituição, a pesquisa se debruça sobre como tem ocorrido a verticalização entre dois cursos ofertados pelo Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás (IFG): o curso técnico em Enfermagem integrado ao ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o curso superior de licenciatura em Ciências Biológicas. A metodologia empregada foi a construção e interpretação de narrativas autobiográficas com um grupo de seis estudantes que vivenciaram os dois cursos, condição em que também se inclui a autora desta pesquisa. As narrativas autobiográficas se concentraram em três importantes momentos: 1) A infância e a saída da educação básica regular, em que emergiram reflexões sobre o confronto entre os sonhos da infância e os vetores de exclusão e evasão que nos afastaram da escola, sobretudo as vulnerabilidades sociais, a violência, a falta de oportunidades e o machismo; 2) A retomada da escolarização pelo ingresso no curso técnico em Enfermagem, em que sobressai a importância da EJA e da Educação Profissional Tecnológica (EPT), dentro dos IFs, enquanto políticas públicas que promovem a conquista de autonomia financeira e subjetiva; 3) A travessia para o curso de licenciatura em Ciências Biológicas, que chama a atenção para a necessidade de consolidação de uma identidade para as licenciaturas dos IFs que supere a lógica elitista e etarista dos cursos superiores, abrindo espaço para uma cultura de diversidade e pluralidade na construção de saberes docentes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Licenciatura em Ciências Biológicas; Institutos Federais; Verticalização e Territorialidade; Narrativas Autobiográficas; Águas Lindas de Goiás.

Abstract

This work stems from a discussion about the role of Federal Institutes of Education, Science, and Technology (IFs) as inclusive and democratic public institutions, structured around integrated education and the principles of territoriality and verticalization. Understanding this second principle as the opportunity to elevate education by having basic and higher education within a technological axis in the same institution, the research focuses on how verticalization has occurred between two courses offered by the Águas Lindas Campus of the Federal Institute of Goiás (IFG): the integrated Nursing technical course integrated to high school education in the Youth and Adult Education (EJA) modality and the Biological Sciences Teaching Degree. The methodology employed involved the construction and interpretation of autobiographical narratives with a group of six students who experienced both courses, including the author of this research. The autobiographical narratives focused on three important moments: 1) Childhood and leaving regular basic education, which brought forth reflections on the clash between childhood dreams and the vectors of exclusion and dropout that pushed us away from school, especially social vulnerabilities, violence, lack of opportunities, and sexism; 2) The return to education through enrollment in the Nursing technical course, highlighting the importance of EJA and Technological Professional Education (EPT) within IFs as public policies that promote financial and subjective autonomy; 3) The transition to the Biological Sciences teaching degree program, which highlights the need for the consolidation of an identity for IFs' teaching degrees that surpasses the elitist and ageist logic of graduation programs, opening up space for a culture of diversity and plurality in the construction of teaching knowledge.

Keywords: Youth and Adult Education in Brazil (EJA); Biological Sciences Teaching Degree; Federal Institutes: Verticalization and Territoriality; Autobiographical Narratives; Águas Lindas de Goiás.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Profissionais de Nível Superior

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

DF - Distrito Federal

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

ERE - Ensino Remoto Emergencial

IF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

IFG - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás

PLP - Promotora Legal Popular

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUAP - Sistema Unificado de Administração Pública

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

VIDAS MARIAS - O ENCONTRO ENTRE A PESQUISADORA E A PESQUISA.....	11
A TERRITORIALIDADE E A VERTICALIZAÇÃO NOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA.....	15
O TRABALHO COM AS HISTÓRIAS DE VIDA.....	21
PRIMEIRO MOMENTO - A SAÍDA DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A SUSPENSÃO DOS SONHOS DE INFÂNCIA.....	26
SEGUNDO MOMENTO - O INGRESSO NO CURSO TÉCNICO NA MODALIDADE EJA E O REENCONTRO COM A ESCOLARIZAÇÃO	33
TERCEIRO MOMENTO - A TRAVESSIA PARA A LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E A CONSTRUÇÃO DE UM CURSO ACOLHEDOR DAS DIVERSIDADES.....	41
ALGUMAS AMARRAÇÕES E MUITAS PONTAS SOLTAS.....	49
REFERÊNCIAS.....	54

VIDAS MARIAS - O ENCONTRO ENTRE A PESQUISADORA E A PESQUISA

Eu me chamo Maria dos Passos Pereira de Almeida. Escolhi começar este texto pelo meu nome porque, por incrível que pareça, ele tem uma participação importante no meu encontro com os elementos que fundamentam esta pesquisa. Quando ingressei, em 2020, na segunda turma no curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), eu já tinha um pouco mais de 40 anos e um casal de filhos (mais um chegaria no decorrer do curso). Eu me lembro de olhar para a turma, com tantos rostos jovens, e não estar segura sobre aquele ser, de fato, um lugar para mim. A sorte era que eu não estava sozinha. Eu já conhecia Maria Neiva porque ela tinha se formado comigo, um ano antes, no curso técnico em Enfermagem, que em nossa instituição é ofertado de maneira integrada ao ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Maria Neiva é portanto minha colega de curso duas vezes. E outras tantas coincidências nos aproximavam. Ambas somos mulheres negras, mães, com uma idade maior do que a média da turma, egressas do curso técnico de Enfermagem, mas que escolheram trocar a área da saúde pela educação. Nas primeiras semanas de aula, quando começam a ser formados aqueles subgrupos mais íntimos, chamados popularmente de “panelinhas”, uma outra estudante com um perfil bem parecido com o nosso, a Maria Amelia, provavelmente motivada também por essa identificação, se juntou a nós. O professor Dirceu Hermann, que ministrava a disciplina de Filosofia da Educação, foi quem primeiro nos apelidou de “as três Marias”. Motivado talvez por essa coincidência entre os nossos nomes, o professor Dirceu nos apresentou, em uma de suas aulas, o curta-metragem “Vida Maria”¹, uma animação de cerca de oito minutos, escrita e produzida por Márcio Ramos em 2006, com apoio da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. O filme conta a história de Maria José, uma menina de cinco anos, que aparece escrevendo com entusiasmo seu nome em um caderno, na janela de uma casa simples do que parece ser o semi-árido nordestino. Sua mãe, de maneira austera, a chama para ajudá-la nas tarefas domésticas, desmerecendo o exercício

¹ O filme está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 (Acesso em 11 de setembro de 2023).

da criança e se referindo a ele como um desperdício de tempo. O filme mostra então Maria José se dedicando integralmente ao trabalho doméstico, crescendo, envelhecendo e tendo filhos. Maria José então aparece, em uma espécie de reedição da primeira cena, chamando com a mesma austeridade sua filha Maria de Lurdes, a ajudá-la nas tarefas domésticas, quando esta também estava escrevendo seu nome em um caderno. Por fim, o filme mostra o vento soprando o caderno em que Maria de Lurdes escrevia seu nome e revela pelas páginas anteriores, que aquele era o mesmo caderno que outrora fora usado por Maria José. À medida em que o vento folheia as páginas do caderno, nomes sucessivamente mais antigos são revelados, com a mesma letra infantil: Maria Aparecida, Maria da Conceição, Maria de Fátima, Maria do Carmo, Maria das Dores...O professor Dirceu aproveitou a comoção causada pelo filme para nos explicar sobre a perpetuação dos ciclos de violência e exclusão e sobre o papel crucial da educação na ruptura dessas engrenagens. Ele discutiu então a função social dos Institutos Federais e a importância das políticas de expansão e interiorização da oferta de cursos técnicos e superiores. O professor Dirceu olhou diretamente para nós, as três Marias, e falou que, diferente do filme, essas Marias iam conseguir escrever suas histórias. Enquanto uma Maria, que interrompeu ainda na adolescência a educação básica para me engajar integralmente nos trabalhos domésticos, esse episódio me marcou especialmente. Minha escolarização estava parada no ensino fundamental antes da chegada do Instituto Federal de Goiás na cidade em que moro. Foi nessa instituição que eu terminei o ensino médio, ao mesmo tempo em que adquiria o ofício de técnica em Enfermagem, como uma segunda profissão. É também nessa instituição que eu, neste momento, estou em vias de me tornar professora de biologia, como terceira profissão. Eu me sinto uma Maria que rompeu o ciclo. Minha filha mais velha teve a oportunidade de se tornar enfermeira, e agora me ajuda na estruturação deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Meu filho se formou no curso técnico de Vigilância em Saúde integrado ao ensino médio, também no IFG-Águas Lindas, e hoje é meu calouro no curso superior de licenciatura em Ciências Biológicas. Meu filho mais novo nasceu quando eu estava mais ou menos na metade do curso e me acompanha em todas as aulas. Foi em uma das aulas do professor Antônio, orientador deste trabalho, que Théo

levantou sozinho pela primeira vez e deu seus primeiros passos. Uma colega de sala filmou o ocorrido e o vídeo viralizou nas redes sociais, se desdobrando em uma reportagem realizada pela rede Record em nosso câmpus².

O professor Antônio teve uma participação importante em outros passos cruciais no meu encontro com os elementos que fundamentam esta pesquisa. Foi em suas aulas de Estágio Supervisionado e de Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia, que eu vi pela primeira vez alguém falando sobre a EJA com tanto apreço e entusiasmo. Na primeira disciplina que tive com ele falei com uma colega de turma: *“Esse vai ser o meu orientador de TCC, e eu vou falar sobre a EJA”*. A partir do contato que tive com as pesquisas desenvolvidas por ele, em sua dissertação de mestrado (Araújo Júnior, 2011) e em sua tese de doutorado (Araújo Júnior, 2019) é que passei a entender a EJA, não só como um importante campo de pesquisa nas áreas de ensino de ciências e de formação de professores, mas também como um espaço de luta contra a cultura da exclusão e para a construção políticas públicas de educação popular. Quando procurei o professor Antônio, manifestando o interesse em desenvolver um TCC sobre a EJA, ele já ocupava a posição de coordenador do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e estava preocupado com as muitas evasões que a pandemia tinha imposto ao curso, tanto na passagem para o Ensino Remoto Emergencial (ERE), quanto no retorno ao Ensino Presencial. De fato, foi nessa onda de evasões que Maria Amelia, por exemplo, deixou o curso, por não ter intimidade suficiente com os equipamentos e procedimentos necessários ao ERE. Lembro quando ela comunicou a mim e a Maria Neiva sua decisão com uma frase bem triste: *"Pelo menos vocês sabem ligar e desligar um computador. Eu, nem isso!"*.

Relatei esse episódio ao professor Antônio, contando que, sem as aulas de informática que tive enquanto cursava a EJA, eu provavelmente também não teria tido nenhum contato com um computador. Conversamos então sobre o fato de que havia pelo menos uma egressa do curso técnico em Enfermagem integrado à EJA em cada turma do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Pensamos então em uma proposta de pesquisa que partisse da minha própria história, em diálogo com a história de outras cinco colegas do curso técnico em Enfermagem, que também ingressaram na licenciatura, para compreender essa travessia entre os dois cursos, na tentativa de evidenciar a influência que a condição de egressa da EJA produz na construção da nossa identidade docente, carregando também a intenção de refletir sobre como a licenciatura pode ser mais acolhedora com um público diverso. O professor

² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PWcw8VIQHxw> (acesso em 11 de setembro de 2023).

Antônio me apresentou também os fundamentos da abordagem autobiográfica que, como veremos, se assenta no entendimento de que os relatos trazidos pelas participantes são mais do que um compilado de acontecimentos, mas uma reapropriação da própria história feita por elas enquanto narram. E, como tal, demandam uma escuta sensível e uma escrita preocupada em explicitar ao leitor a subjetividade tanto dos participantes, quanto minha enquanto autora. É por esse motivo que este trabalho adota essa escrita reflexiva em primeira pessoa.

Confesso que, por muitas vezes, foi um exercício trabalhoso esse de escrever todo um trabalho com essa postura autorreflexiva. Na maioria das vezes eu me senti como o próprio professor Antônio se descreve enquanto cursava uma parte do doutorado no exterior:

Eu vivi por muito tempo a angústia de estar longe do colo da minha língua materna. Era angustiante precisar expor ideias complexas, mas não ter vocabulário ou gramática suficientes para expressar o que eu pensava e sentia. Me faltavam palavras. Minhas frases eram simples. E é interessante como isso nos faz questionar nossas competências. Se não expressamos bem o que pensamos, parece que não pensamos bem. Ou, pior do que isso, se não conseguimos expressar o que pensamos, damos a ideia de que não pensamos. Essa experiência me remete à relação dos estudantes da EJA com a linguagem, com a leitura da palavra e com o silenciamento de seus saberes. (Araújo Júnior, 2019. p. 189)

Esse TCC é inteiramente centrado na tentativa de encontrar palavras para expressar e comunicar, em parte, o que sinto que sempre estive aqui comigo e, em outra parte, para dar sentido ao que aprendi com as participantes desta pesquisa, "as outras Vidas Marias" que foram minhas colegas em ambos os cursos. O próximo capítulo explica melhor essa condição, ao tratar da territorialidade e da verticalização entre cursos no nosso Câmpus.

A TERRITORIALIDADE E A VERTICALIZAÇÃO NOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) foram instituídos pela lei 11.892 de 2008, pela reformulação dos antigos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), e das Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais, que por sua vez remontam às Escolas de Aprendizes Artífices criadas em 1909, pelo então presidente da República Nilo Peçanha. Nesses mais de 100 anos de história, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, como é conhecido o conjunto de instituições que inclui os 38 IFs, já acumula 680 unidades espalhadas por todo o território nacional e um milhão e meio de matrículas³. A Lei de criação define os Institutos Federais como:

instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas (Brasil, 2008).

Eliezer Pacheco (2011), em seu livro "Institutos Federais: uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica", mostra que essa Rede tem suas bases em um projeto de educação profissional e tecnológica sem similar em nenhum outro país, não só pelo tamanho, mas por sua proposta político-pedagógica. O autor defende que essa proposta é ousada e inovadora primeiramente porque quebra as barreiras entre o que seria um ensino científico e um ensino técnico, superando a visão da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como mera instrumentalizadora de pessoas para atuarem em postos de um suposto mercado de trabalho. A própria substituição do termo "mercado de trabalho" para "mundo do trabalho" já demonstra um outro entendimento sobre sua dimensão política:

Na proposta dos Institutos Federais, agregar à formação acadêmica a preparação para o trabalho (compreendendo-o em seu sentido histórico, mas sem deixar de afirmar seu sentido ontológico) e discutir os princípios das tecnologias a ele concernentes dão luz a elementos essenciais para a definição de um propósito específico para a estrutura curricular da educação profissional e tecnológica. O que se propõe é uma formação contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos de vida mais dignos. (Pacheco, 2011. p. 15)

³ Esses dados são atualizados continuamente na página dedicada à Rede Federal no portal MEC: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-profissional/rede-federal> (Acesso em 11 de setembro de 2023).

Assim, a orientação pedagógica dos IFs propõe, segundo o autor, uma formação profissional que não se restringe ao desenvolvimento de competências necessárias ao ofício, mas de maneira mais ampla e abrangente, está voltada à compreensão plena do mundo do trabalho para que se participe dele de maneira mais efetiva. Outro ponto de inovação presente na caracterização dos Institutos Federais é seu caráter *multicampi* e, portanto, descentralizado por todo o seu território de abrangência. Essa descentralização no entanto ocorre de maneira integrada:

Não há Instituto Federal com um só campus, sua estrutura é *multicampi*, ou seja, constituída por um conjunto de unidades. Cada campus, independentemente do endereço ou data de criação da instituição que lhe deu origem, possui as mesmas atribuições e prerrogativas, condição que não pode servir a uma atuação não sistêmica. Ao contrário, a medida do trabalho da instituição – ou o cumprimento de objetivos e metas – é o resultado do todo. (Vidor *et al.*, 2011 p. 67)

Esse equilíbrio entre integração e descentralização é o fundamento para a ideia de territorialidade, como característica basilar dos Institutos Federais. Ela permite que os diferentes *campi* mantenham o compromisso de produzir intervenções em suas respectivas regiões, diagnosticando desafios e potencialidades e criando alternativas técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento local. Esse princípio da territorialidade está presente, por exemplo, na descrição da função social do Instituto Federal de Goiás (IFG), contida em seu Plano de Desenvolvimento Institucional:

A função social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás é a de constituir-se e a de enraizar-se enquanto instituição pública, universal, gratuita, inclusiva, democrática, laica e qualitativamente referenciada, estruturada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e na formação integrada, bem como nos princípios da territorialidade e da verticalização como forma de responder às demandas dos arranjos produtivos e socioculturais locais e regionais. Portanto, suas ações político-pedagógicas caminham no sentido de mediar e de fortalecer a oferta de cursos em diferentes níveis e modalidades de ensino. Deve, assim, se consolidar como um centro educacional científico, tecnológico e cultural de produção e difusão de conhecimentos interligados às necessidades da classe trabalhadora no atendimento da diversidade sociocultural que a compõe. Seus princípios ético-políticos estão estruturados a partir da defesa a democratização da sociedade, da dignidade humana, dos direitos humanos, da diversidade, da inclusão, do desenvolvimento sustentável e da justiça social, a fim de contribuir na construção de uma sociedade justa e menos desigual. (IFG, 2018)

Além da menção explícita à territorialidade como princípio, ao lado da verticalização, a ideia de território já aparece na segunda linha do trecho acima, contida na expressão "constituir-se e enraizar-se enquanto instituição pública". Milton Santos, em coautoria com Maria Laura Silveira (2001), define a territorialidade como um "*pertencer àquilo que nos pertence*" (p. 19). Essa ideia parece estar alinhada com a missão dos Institutos Federais de

produzir saberes enraizados em seus territórios. Pacheco (2011) defende que o sentimento de pertencimento territorial é o que permite o desenvolvimento da capacidade institucional de dialogar com a realidade local e produzir conhecimentos a partir de um mergulho nessa realidade. A territorialidade é, segundo o autor, o que possibilita aos sujeitos "extrair e problematizar o conhecido, investigar o não conhecido para poder compreendê-lo e influenciar a trajetória dos destinos de seu lócus" (p. 21).

É apenas por meio do princípio da territorialidade que é possível compreender plenamente o outro princípio mencionado na função social do IFG: a verticalização. Vidor *et al.* (2011) esclarecem que o fato de os IFs serem “instituições de educação superior, básica e profissional”, como descrito na lei de criação, já lhes confere uma natureza singular, uma vez que não é comum, no sistema educacional brasileiro, que uma única instituição atue em mais de um nível de ensino. A mesma lei de criação dos IF preconiza que as instituições ofereçam ao menos 50% das vagas para cursos técnicos, preferencialmente na forma integrada com o ensino médio, e ofereçam também ao menos 20% das vagas em licenciaturas, cumprindo um papel importante de atuar no incremento e na melhoria da formação de professores da educação básica nesses territórios. Os IFs podem ainda oferecer cursos de graduações tecnológicas, especializações, mestrados profissionais e doutorados voltados principalmente para a pesquisa aplicada à educação e à inovação tecnológica. Essa atuação em mais de um nível de ensino permite que os estudantes elevem sua escolaridade, aproveitando as especificidades de seu corpo docente e a estrutura física dos *campi*, que contempla não só as salas de aulas convencionais, mas também laboratórios, biblioteca, salas especializadas com equipamentos tecnológicos adequados, as tecnologias da informação e da comunicação e outros recursos tecnológicos disponíveis.

A verticalização, porém, não se constitui apenas pela mera oferta simultânea de cursos de diferentes níveis. Para que a força de trabalho e a infraestrutura do câmpus seja de fato aproveitada para a elevação vertical do grau de escolaridade, é necessário que haja um nexo entre as formações ofertadas:

Não se trata de um conjunto aleatório de cursos. O objetivo primeiro dos Institutos Federais é a profissionalização e, por essa razão, sua proposta pedagógica tem sua organização fundada na compreensão do trabalho como atividade criativa fundamental da vida humana e em sua forma histórica, como forma de produção. Essa compreensão é válida para qualquer atividade de ensino, extensão ou pesquisa. O que está posto para os Institutos Federais é a formação para o exercício profissional tanto para os trabalhadores que necessitam de formação em nível superior para a realização de suas atividades profissionais, quanto para os que precisam da formação em nível médio técnico, e também para aqueles que atuam em qualificações profissionais mais especializadas; ao mesmo tempo, as atividades de

pesquisa e extensão estão diretamente relacionadas ao mundo do trabalho. (Vidor *et al.*, 2011, p. 65)

Assim, é proposto que os cursos de um mesmo câmpus se comuniquem em um mesmo eixo tecnológico que, segundo Vidor *et. al* (2011) pode ser entendido como uma "linha central que perpassa transversalmente essas matrizes, sustentando a organização curricular e a identidade dos cursos e imprimindo a direção dos seus projetos pedagógicos" (p.65). Um câmpus que se insira no eixo tecnológico "Controle e Processos Industriais" pode ofertar, por exemplo, o curso técnico de Mecânica e o curso técnico de Automação Industrial, na modalidade integrada ao ensino médio, portanto educação básica, e aproveitar a mesma infraestrutura e força de trabalho para ofertar os cursos superiores de licenciatura em física e de bacharelado em Engenharia de Produção, e verticalizar ainda mais, ofertando pós-graduação em algum tema que dialogue com essas áreas. Essa articulação possibilita que um mesmo estudante percorra uma trajetória de formação que vá do curso técnico ao doutorado, sem a necessidade de sair de seu território ou mudar radicalmente de campo de conhecimento.

Para Bonfante e Schenckel (2020), a verticalização implica uma mudança profunda do fazer pedagógico e na construção da identidade docente dos professores dos Institutos Federais. Ela demanda que o mesmo corpo docente atue, simultaneamente, em cursos de diferentes níveis de ensino e, portanto, ajuste o seu fazer, os seus conteúdos e a sua linguagem a públicos com diferentes níveis de amadurecimento intelectual e de interesses em relação às escolhas pessoais e profissionais.

O Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás, território em que essa pesquisa se concentra, oferta cursos no eixo tecnológico "Meio Ambiente e Saúde". Ele é um dos 14 campi do IFG e o quarto a se enraizar em um dos municípios do entorno de Brasília, após Formosa, Luziânia e Valparaíso. O Câmpus entrou em funcionamento em abril de 2014, inicialmente com o curso técnico integrado ao ensino médio de Vigilância em Saúde, em período integral, e o curso técnico em Enfermagem integrado ao ensino médio na modalidade EJA, no período noturno. No ano seguinte foram abertos os cursos de Análises Clínicas e Meio Ambiente, ambos cursos técnicos integrados ao ensino médio, em período integral. A verticalização só se tornou possível em nosso Câmpus, em 2019, com a chegada do curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas. Desde então, o curso recebe egressos dos quatro cursos técnicos além, é claro, de pessoas da comunidade e de comunidades adjacentes que não cursaram a educação básica no IFG. Embora a verticalização advinda do curso técnico em Enfermagem na modalidade EJA pudesse ser facilitada pelo fato de que a

licenciatura também é ofertada no período noturno, esta ainda é menor do que aquela que ocorre entre estudantes advindos dos outros cursos técnicos. Mesmo assim, em todas as cinco turmas que já ingressaram na Licenciatura em Ciências Biológicas havia pelo menos uma egressa da do curso técnico na modalidade EJA.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (IFG, 2021), a principal justificativa para a implementação do curso é a absoluta ausência de um curso superior presencial, público e gratuito no município de Águas Lindas de Goiás. Apesar do intenso processo de crescimento demográfico do município, que já conta com mais de 225 mil habitantes, figurando como o quinto mais populoso município do estado de Goiás, a oferta de equipamentos públicos não aumentou na mesma proporção e o nosso curso de licenciatura em Ciências Biológicas ainda segue sendo a única opção de curso superior público, presencial e gratuito de Águas Lindas de Goiás. No que se refere ao desenvolvimento econômico do município, ele ainda é muito dependente de Brasília, assim como o acesso aos equipamentos de atenção básica de saúde e de educação. O município ainda é conhecido como “cidade dormitório”, que se desenvolveu ao redor do Distrito Federal. A professora Aline Lima, que já atuou como docente em nosso câmpus descreve o município em sua dissertação de mestrado:

Águas Lindas é um município localizado no Entorno de Brasília. Historicamente, as cidades que se desenvolveram devido à especulação imobiliária no Distrito Federal vivenciaram explosões demográficas que significaram o desenvolvimento desordenado e o abandono das instituições públicas. É uma cidade formada pela classe trabalhadora do DF, majoritariamente, composta por migrantes nordestinos, que ocupam os postos de trabalho de baixa remuneração. A migração é uma realidade na vida dessas pessoas, tanto a vinda para Goiás, como a pendular de ir e vir do trabalho diariamente. (Lima, 2020 p. 98)

É a esse território e com essas pessoas que nosso curso procura desenvolver o sentimento de pertença e procura produzir seus saberes enraizados. Mesmo com todas as adversidades vivenciadas, nosso curso recebeu recentemente a comissão de avaliação para o processo de reconhecimento de curso e obteve a nota máxima, consolidando-se como uma opção de excelência⁴. Por se tratar de um curso de formação de docentes, a nossa licenciatura em Ciências Biológicas tem como uma de suas missões a de se constituir também um observatório de políticas públicas para a educação do município. E isso inclui também um olhar crítico para si mesmo e para a própria instituição, tornando-se também objeto de diagnóstico e intervenção.

⁴ Ver reportagem disponível em <https://www.ifg.edu.br/servidor/155-ifg/campus/aguas-lindas/noticias-campus-aguaslindas/32482-licenciatura-conceito-5-mec> (Acesso em 11 de setembro de 2023).

Como foi dito na apresentação deste trabalho, o objetivo principal desta pesquisa é compreender como tem ocorrido a verticalização entre esses dois cursos no IFG-Câmpus Águas Lindas. Este objetivo se desdobra em algumas intenções mais específicas: 1) Entender a influência que a condição de egressa da EJA produz na construção da identidade docente, enquanto professoras de biologia em formação; 2) Evidenciar os desafios pelos quais passam essas estudantes na permanência e êxito no curso superior; 3) Refletir sobre os elementos que podem tornar o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas mais acolhedor com um público diverso.

O percurso metodológico para perseguir esses objetivos será o da construção e interpretação de narrativas autobiográficas, que será assunto da próxima seção.

O TRABALHO COM AS HISTÓRIAS DE VIDA

Em uma entrevista para divulgar seu livro "Os Filhos dos Dias"⁵, ao ser perguntado sobre os motivos que o levaram a escolher esse título, Eduardo Galeano responde que: "*Nós somos filhos dos dias, ou seja, o tempo é que estabelece o espaço. O tempo é nosso pai e nossa mãe e, como somos filhos dos dias, o mais natural é que a cada dia nasça uma história. Somos feitos de átomos, mas também de histórias*"⁶. Essa ideia de que somos constituídos pelas histórias que vivemos e que contamos é desdobrada no título de um dos textos de Maria Conceição Passeggi, "Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório" (2010). Passeggi é uma das precursoras do trabalho com histórias de vida no Brasil e uma importante defensora das narrativas autobiográficas enquanto práticas de formação e enquanto ferramentas de pesquisa qualitativa:

As pesquisas educacionais sobre as escritas de si nos processos de formação e profissionalização docente expandem-se, no Brasil, a partir dos anos 1990, na sequência do que se pode denominar de "a virada biográfica em Educação". Muitos estudos sobre a profissão docente voltam-se, desde então, para a maneira como os professores vivenciam os processos de formação no decorrer de sua existência e privilegiam a reflexão sobre as experiências vividas no magistério. (Passeggi *et al.*, 2011 p. 370)

O uso das narrativas autobiográficas como práticas de formação, especialmente na formação docente, se baseia principalmente nos trabalhos da pesquisadora franco-suíssa Marie-Christine Josso. A autora encontra nas histórias de vida uma oportunidade de reviver e refletir o processo de "caminhar para si" (Josso, 2007). Segundo Josso, ao narrar sua história, as pessoas escolhem os momentos biográficos, que figuram como partes significativas de sua história de vida. É a interpretação de como esses momentos contribuíram diretamente para a invenção que as pessoas fazem de si que constitui um momento formativo que pode ser muito efetivo nas propostas de formação:

É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós. (Josso, 2007, p. 435)

⁵ Galeano, E. Los hijos de los días. 1a ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012

⁶ Entrevista disponível em

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/eduardo-galeano-lanca-novo-livro-na-forma-de-um-calendario/> (Acesso em 11 de setembro de 2023).

As histórias de vida dos sujeitos são, segundo Josso, um elemento orientador de seu próprio percurso de formação, como algo que nos enriquece e nos direciona na construção de um imaginário que fazemos de nós. Como mostrado no trecho acima, a ideia não é apenas levar os sujeitos a reviver suas histórias do passado, mas ajudá-los a retomá-las para constituir uma perspectiva no presente e para o futuro. Ela defende que, além da resignificação do próprio percurso, os momentos biográficos, mesmo estando no contexto singular, remetem também a referenciais coletivos (socioculturais e sócio-históricos), mesmo que não estejamos conscientes disso.

São esses fatores que fazem com que as narrativas autobiográficas se constituam também como poderosas ferramentas de pesquisa qualitativa:

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma "verdade" preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização. (Passeggi *et al.*, 2011 p. 371)

Da mesma maneira em que não há sentido em procurar nas narrativas autobiográficas uma verdade pré-existente, também não há cabimento em vê-las como um relatório de “acontecimentos”. Dentro da perspectiva da pesquisa com histórias de vida, compreende-se as narrativas como uma ação social, em que o sujeito retotaliza, e vai atribuindo sentido à sua trajetória à medida em que narra essas histórias a alguém. Um dos elementos que emergem nesse processo de retotalização e de atribuição de sentidos são os “momentos-charneira”, conceituados por Josso (2010) como:

momentos de reorientação que se articulam com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos e econômicos) (p. 70).

"Charneira" é uma palavra mais comum no português europeu e significa o mesmo que "dobradiça". Essa alegoria se refere ao fato de que, assim como a dobradiça se articula sobre seu eixo, modificando o ângulo entre as peças que ela junta, os "momentos-charneira" também são momentos em que se reconhece uma mudança substancial na relação entre continuidade e descontinuidade da trajetória dos indivíduos. Foi embasada nesses princípios do trabalho com histórias de vida que eu procurei as outras pessoas que, como eu, concluíram o curso técnico em Enfermagem integrado à modalidade EJA e ingressaram na licenciatura em Ciências Biológicas, ambos no Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás. Na

intenção de convidá-las a narrar para mim sua trajetória de vida e, por meio desse processo, atribuírem sentido ao que viveram, construindo e se reencontrando com seus momentos biográficos, dentre eles seus momentos-charneira.

Uma vez que o curso de licenciatura em Ciências Biológicas do nosso Câmpus oferta 30 vagas em cada uma das turmas que ingressam anualmente, até o momento da construção de dados desta pesquisa, só haviam ingressado quatro turmas (2019, 2020, 2021 e 2022). A turma de 2023 só ingressaria quando eu já estava na fase de interpretação das narrativas, não participando a princípio desta pesquisa. Utilizando suas credenciais de coordenador de curso, o professor Antônio, cruzou no sistema unificado de administração pública (SUAP-IFG) os nomes que se repetiam na listagem de alunos do curso técnico em Enfermagem e do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. A pesquisa resultou em sete nomes, incluindo o meu. Todas mulheres. Três delas ingressaram na primeira turma da licenciatura, em 2019. Como eu já sabia, duas delas, eu e Maria Neiva, ingressamos na segunda turma, em 2020. Nas turmas seguintes, de 2021 e de 2022, ingressaram uma em cada. Como eu já imaginava, eu conhecia todas essas seis colegas, nem que fosse apenas de vista. Da maioria delas, eu já tinha, inclusive, o contato telefônico. Ainda no segundo semestre de 2022, enquanto ainda escrevia o projeto de pesquisa, saí ao encontro de todas elas, mesmo as que já haviam evadido da licenciatura.

Não consegui contactar apenas uma dessas seis colegas, que ingressou no curso em 2021 e evadiu em meados de 2022, sem deixar um meio viável para contato. Para todas as outras expliquei atentamente o recorte e os objetivos desta pesquisa, municiada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE deixava aberta às participantes a opção pelo anonimato ou pela manutenção de seus nomes. Nas nossas conversas de orientação, eu e o professor Antônio decidimos não adotar o anonimato compulsório, deixando as participantes à vontade para decidir os termos de suas participações nesta pesquisa, tal como o professor Antônio explica em sua tese:

O zelo pela proteção da integridade física e moral de alguém é inegociável. A prioridade de um investigador deve estar sempre em não representar uma ameaça ao participante da pesquisa. Porém, nos casos em que não há ameaça iminente, esse mesmo zelo pode ser investido na busca por uma outra relação com os participantes da pesquisa. Quando o anonimato não é estritamente necessário, abre-se uma oportunidade para que se crie uma relação mais horizontal e respeitosa com os participantes. Uma relação que não crie barreiras nem degraus entre “pesquisador” e “pesquisado” garante que a investigação seja um ambiente livre de fala. Ao habitar ou transitar por esse ambiente, o participante se sente à vontade para expressar seus valores e crenças sem o receio de ser julgado pelo investigador ou, posteriormente, pelos leitores. Até porque, sem o estabelecimento de uma relação harmoniosa, um participante pode, mesmo no anonimato, se sentir profundamente ofendido pela

descrição, pela interpretação, ou pelas inferências feitas por um investigador. (Araújo Júnior, 2019, p. 127-128).

Todas as cinco participantes contactadas aceitaram prontamente participar da pesquisa. Além disso, todas elas marcaram no TCLE a opção que possibilitava que seu nome fosse vinculado aos seus relatos. Aqui é necessário chamar a atenção do leitor ou da leitora deste texto para a generosidade das participantes com esta pesquisa, para que nós também olhemos com a mesma generosidade (e sem juízo de valor) para essas histórias tão corajosamente compartilhadas. A generosidade, inclusive, é talvez a palavra que mais me ocorre quando penso em como as participantes me acolheram neste percurso. Algumas das narrativas que trago aqui foram enviadas por escrito em aplicativos de trocas de mensagens, outras por áudios nesses mesmos aplicativos. Recebi também fotos de suas histórias manuscritas em caneta e papel. Outras narrativas foram produzidas em conversas face a face, no local de trabalho, ou mesmo acompanhadas por café e bolo na cozinha de uma participante. Sem essa generosidade, certamente esta pesquisa não existiria.

Para fins de leitura e interpretação das narrativas, gravei os áudios de aplicativos de mensagens e as gravações das conversas face a face, bem como transcrevi os manuscritos em arquivos de texto. Após uma leitura prévia dessas histórias, foram feitas perguntas adicionais às participantes pelo aplicativo de mensagens Whatsapp, com o objetivo de esclarecer ou explicitar os pontos em que se identificaram lacunas na narração. Mais uma vez elas poderiam responder da forma como se sentissem mais à vontade. As respostas em áudio foram também gravadas.

O principal trabalho envolvido na interpretação dos relatos foi o de produzir um fio narrativo único, que entremeasse trechos trazidos pelas participantes com a minha própria fala enquanto pesquisadora. O desafio é que, como tenho falado até aqui, eu não me coloco como uma observadora distanciada. Pelo contrário, este trabalho se assenta no fato de que minha trajetória é parecida em muitos pontos com a das participantes desta pesquisa e, por isso, minha história de vida também aparece no texto. Assim, uma das minhas dificuldades foi a de não misturar as histórias todas como se fossem uma só. Quando menciono a intenção de produzir um fio narrativo único, me refiro à busca por trilhar um caminho textual que atravessasse os diferentes relatos, mas que considere, respeite e valorize as diferenças iminentes às individualidades, particularidades e subjetividades das participantes.

Outra dificuldade que advém da proximidade entre minha história e a das participantes é que, de maneira geral, os relatos produzidos por elas vieram endereçadas a mim com muitos

elementos implícitos. Elas escrevem (ou falam) a alguém que elas conhecem como colega de curso e que conhece o contexto daquilo que estão relatando. Eu demorei a me dar conta de que elas escreveram para mim e não para quem me lê. A responsabilidade de escrever a quem me lê é inteiramente minha, enquanto pesquisadora. Parte considerável do meu esforço de interpretação é, portanto, o de explicitar ao leitor, partes implícitas do que as participantes relataram para mim, o que envolve um trabalho de mediação ou recontextualização. Nesse trabalho de recontextualização, optamos por transpor para a norma culta da língua portuguesa aspectos gramaticais de ortografia, pontuação ou concordância, por exemplo, trechos que chegaram a mim por vias orais ou escritas de maneira informal.

Fundamentados naquela ideia de Josso (2007), de que as histórias de vida partem de contextos singulares, mas remetem também a referenciais coletivos (socioculturais e sócio-históricos), durante a interpretação das narrativas, eu sistematizei os relatos identificando três momentos-chave que nos permitem produzir reflexões importantes que extrapolam, muitas vezes, o contexto local. O primeiro deles se refere à saída da educação básica ainda na infância ou na adolescência, que permitiu reflexões sobre a suspensão dos sonhos para a dedicação ao trabalho ou à família. O segundo é a retomada da escolarização pelo ingresso no curso técnico em Enfermagem, em que sobressai a importância da EJA e da Educação Profissional Tecnológica (EPT), enquanto políticas públicas de promoção de autonomia financeira e subjetiva. O terceiro é a própria travessia para o curso de licenciatura em Ciências Biológicas, que chama a atenção para a necessidade de consolidação de uma identidade para as licenciaturas dos IFs que supere a lógica elitista e etarista dos cursos superiores. As próximas seções desenvolvem cada um desses momentos.

Ao mesmo tempo em que a versão preliminar do texto seguiu para apreciação da banca examinadora, ela também foi compartilhada com as participantes, para que elas pudessem manifestar se houve imprecisões nas descrições, interpretações, análises e reflexões e se elas se sentiam confortáveis em ter essas informações tornadas públicas em um trabalho acadêmico. Assim, pudemos somar as contribuições das participantes à versão final deste texto e na tentativa de garantir que elas se sentissem representadas no trabalho e que se honrasse a generosidade que elas direcionaram a esta pesquisa.

PRIMEIRO MOMENTO - A SAÍDA DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A SUSPENSÃO DOS SONHOS DE INFÂNCIA

Nos primeiros encontros de orientação, ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa, o professor Antônio pediu que eu me dedicasse à escrita da minha própria trajetória de vida. Esse exercício foi profundamente formativo por, pelo menos, três aspectos. Primeiro porque isso me permitiu entrar em contato com elementos da minha própria história que eu não tenho o costume de ficar relembando cotidianamente. O professor Antônio disse que as histórias antigas são como os amigos antigos, que precisamos visitar de vez em quando para nos lembrar de quem somos. O segundo aspecto formativo importante foi pelo próprio exercício de escrita narrativa. Foi a partir dessa experiência de relatar a minha história que eu comecei a entender que todo este trabalho poderia ser escrito como quem conta uma história, e que a história desta pesquisa é tão minha quanto as minhas histórias de infância. Como continuidade desse exercício de escrita narrativa, nós produzimos relatos de cada encontro de orientação e isso facilitou muito o processo de trazer, para este texto, elementos das tomadas de decisão que se perderiam sem esse registro contínuo. O terceiro aspecto formativo, talvez o mais importante para esta parte do texto, foi pela maneira como essa escolha influenciou a construção e análise dos dados.

Foi nos debruçando sobre minha própria narrativa que eu e o professor Antônio nos demos conta de que não é possível compreender plenamente como se deu a verticalização entre os cursos, olhando apenas para esse momento específico da trajetória das participantes em que elas terminam o curso técnico em Enfermagem integrado à EJA e ingressam na licenciatura em Ciências Biológicas. A minha própria história mostrou que muitos dos elementos das minhas vivências nesses dois cursos só são passíveis de compreensão quando enxergados à luz daquilo que vivi antes. Essa visão encontra consonância com as ideias que trouxemos na seção anterior para fundamentar os trabalhos com narrativas, segundo as quais, as histórias de vida são ações sociais de retotalização e atribuição de sentidos. Na minha história, a entrada na licenciatura se articula com a saída da EJA, mas se articula também com as experiências escolares anteriores e com os sonhos que tinha na infância.

Assim, ao convidar as participantes desta pesquisa a me relatarem sua história de vida, eu as convidava a começar pelo princípio mesmo. Trago a seguir, portanto, esse primeiro recorte das narrativas das participantes, para que possamos começar a pensar sobre os elementos que afastaram essas mulheres da educação básica, ainda na infância e na adolescência. Nesse momento, eu me junto a elas enquanto autora-participante:

Eu vivi a infância em uma fazenda no interior de Minas Gerais. Meus pais eram muitos simples, ele analfabeto e ela sabia muito pouco, mesmo assim incentivavam os sete filhos para os estudos. Eu terminei o que é hoje a primeira etapa do ensino fundamental com muita dificuldade, porque a escola ficava a 16 km de onde morávamos. Não iniciei prontamente a segunda etapa do ensino fundamental porque ele só era ofertado nas escolas da região urbanizada do município e meus pais não tinham condições de me manter na cidade. Como é comum nos interiores, as pessoas da cidade iam às fazendas procurar meninas para trabalhar em suas casas. Quando recebi um desses convites, aos 15 anos, meus pais concordaram em me deixar ir, com a condição de que meus patrões me permitissem conciliar o trabalho com os estudos. Eu tinha a esperança de me tornar professora e voltar à fazenda para dar aulas àquelas crianças que, como eu, tiveram seus sonhos interrompidos. Tive a oportunidade de ir para a cidade trabalhar em uma casa e o pessoal aceitou que eu estudasse à noite. Lá se foi eu trabalhar durante o dia e estudar à noite. Foi difícil? Muito! Porém isso me deu a oportunidade de concluir o que agora é chamado ensino fundamental II. Mas como nem tudo é perfeito, vi as portas se fecharem novamente. Não tive oportunidade de cursar o magistério e me tornar professora. Então os estudos pararam e o trabalho continuou. Fui para outros caminhos, casei, tive filhos e me dediquei a ser mãe. Passei a investir minha energia em meus filhos para que eles não tivessem um futuro como o meu. Assim era o meu pensamento. O fato de você não ter um estudo, ser empregada doméstica, e negra, isso torna tudo bem mais difícil. Os anos se passaram e vi meus filhos se encaminhando, uma já ingressando na faculdade, outro no ensino médio. (a autora)

No meu caso, a distância (física e simbólica) da escola já estava presente, desde a infância. O trabalho, ao mesmo tempo em que atuou como um fator aproximador em um primeiro momento, ao me levar da fazenda para a cidade, foi também um dos principais fatores que acabou me afastando do sonho de retornar à minha comunidade na condição de professora. A participante Erika também tinha o sonho de continuar os estudos para cuidar de sua comunidade, com a diferença de que queria fazer isso como enfermeira:

Na minha infância, enfrentei diversos desafios para dar continuidade ao estudo. Por mais que meus pais trabalhassem para manter uma família com sete filhos, não era fácil. Tivemos que trabalhar muito cedo para ajudar no orçamento da casa. Desde pequena, meu sonho era trabalhar como enfermeira, cuidando de pessoas. Mas meus sonhos foram ficando cada vez mais longe. Devido às nossas condições financeiras, por inúmeras vezes tive que interromper meus estudos, devido ao trabalho. Me casei aos 19 anos, e logo em seguida engravidei. Novamente deixei o estudo de lado, vinham mais filhos, e junto com eles uma depressão, que me destruí dia após dia, cada vez ficava mais longe o meu sonho de ser uma profissional da saúde (Erika).

Embora contido em um trecho tão curto, esse relato de Erika abriu um horizonte bem amplo de interpretação para esta pesquisa. Além usar a palavra "trabalho" muitas vezes, o que nos permite vivenciar a sensação de repetição e exaustão que é própria de um trabalho extenuante, Erika traz, de forma bem explícita, o par continuidade/interrupção que é a chave que passamos a usar para ler as outras narrativas e os outros trechos dessa mesma narrativa. Uma

outra ideia super importante que o relato de Erika traz é essa elaboração: "*meus sonhos foram ficando cada vez mais longe*". Foi essa formulação, advinda da leitura do relato de Erika, que deu título a essa seção, justamente porque parece ser o aspecto transversal que une o início da história de todas nós. Outra participante, Francisca Eudes, não nos diz qual era seu sonho de infância. Ela menciona apenas o desejo familiar de se mudar do nordeste para o DF, em busca de melhores condições:

De origem humilde, meus pais saíram da cidade natal em 1982, com sete filhos ainda pequenos em busca de melhores condições de vida na Capital da República. Porém foi apenas uma ilusão. Oito anos depois, distante da realidade de um futuro melhor, nordestina, mulher, humilde, leiga, mãe de três filhos pequenos e separada, eu achava que ler e assinar o nome já era o suficiente. Pois não havia mais esperança de recomeço, tempo para estudar enfim, a não ser lutar para garantir a educação dos filhos e tentar oferecer o que não tinha recebido dos pais, devido às condições não favoráveis da época. E com apenas ensino fundamental concluído, eu seguia a vida. (Francisca Eudes)

São inúmeras as semelhanças entre os relatos. Até o número de irmãos de Francisca é mesmo que o de Erika, que é o mesmo que o meu. Francisca revela a mesma impossibilidade de continuidade de estudos devido às dificuldades da conjuntura familiar e expressa isso com formulações bem próximas, como "*não havia mais esperança de recomeço*". Assim como no meu relato, para Francisca, essa esperança de recomeço se materializava no esforço pela educação dos filhos. O relato de outra participante, Maria Fabiana, inaugura uma sequência de relatos um pouco mais longos e, por isso, capazes de desenvolver com mais calma os vetores de exclusão e evasão que afastaram as participantes da escolarização na infância e na adolescência:

Minha família veio de Pernambuco para ter uma melhoria de vida em Brasília. Cheguei em 1986 quando eu tinha um ano e seis meses, junto com duas irmãs mais velhas, minha mãe e meu pai. Os dois trabalhavam, meu pai como agricultor em terras vizinhas, e minha mãe como doméstica e lavadeira de roupas. Os dois semi analfabetos com poucas leituras e sabendo apenas assinarem seus nomes. Diante disso os familiares ajudaram para ter um local e o essencial para uma família: colchões, fogão, botijão, panelas entre os outros itens para se manter em uma nova cidade, ainda sem trabalho e nenhuma estabilidade de vida, apenas a cara e a coragem. Meu pai começou a fazer bicos e minha mãe trabalhava como faxineira, onde teria que levar as três filhas juntas ao seu trabalho. Algumas pessoas compreendiam ter que nos levar, e outros pediam para que ficassemos do lado de fora para não entrar na casa. Em 1991 tive minha primeira experiência dentro de uma sala de aula na Ceilândia-DF. Eu tinha uma professora que cobrava muito os alunos para aprender a ler, somar, subtrair e o que ela sempre falava ser essencial: aprender a fazer nosso nome. Às vezes ficava chateada por achar que éramos cobrados demais, mas vi que ela estava nos preparando para outras coisas que poderiam vir na adversidades dos nossos estudos. E também aquela época era uma briga diária contra o preconceito. Não só de ser preta tinha também a classe social, ser "pobre e de periferia". Nisso, é uma briga diária que temos no dia a dia. E algo que noto sempre e questiono é o fator econômico também interferir nos estudos

porque não podíamos ter material escolar de luxo. Tudo era regado para terminarmos o ano letivo e, devido a isso, éramos massacradas pelos colegas de classe. Nisso fui passando de séries, cada dia matando um leão em sala de aula. Mas sempre nossos pais dizendo que os estudos ninguém podia tirar de nós, e nos pediam para seguir rumos diferentes deles. Em 2001 tive que parar os estudos para trabalhar e fui mãe cedo. (Maria Fabiana)

O relato de Maria Fabiana toca nas mesmas vulnerabilidades que os outros relatos, mas dá ênfase ao racismo e ao preconceito de classe como vetores de exclusão. Ela também coloca a exclusão na escola como desdobramentos de outras exclusões que viveu, como, por exemplo, não poder adentrar a casa em que sua mãe trabalhava. Josso (2010) explica que é recorrente nas narrativas autobiográficas que contemos uma história para dar sentido a outras. A autora chama esses fragmentos de "recordações-referências" e explica que elas são trazidas como elementos constitutivos da formação simbólica do autor-narrador. São fragmentos que, por sua dimensão visível e invisível, apelam para percepções, imagens sociais, emoções, sentimentos, sentido ou valores:

São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas sócio-culturais, e representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade. (Josso, 2010, p. 37)

A imagem de três crianças aguardando, do lado de fora da casa, que sua mãe terminasse uma jornada de trabalhos domésticos, parece figurar como uma dessas recordações-referências que, ao mesmo tempo em que comunicam fatos em sua dimensão visível, também mobilizam outras sensibilidades, que depois são reforçadas ao longo do relato. O relato de Maria Neiva, aquela colega com quem dividi turma tanto na EJA, quanto na licenciatura, também traz uma riqueza desses elementos que mobilizam outras sensibilidades, sobretudo no que se refere ao patriarcado e ao machismo. Esses fatores figuravam como implícitos nos relatos que trouxe até agora, mas no relato de Maria Neiva, se tornam mais explícitos:

Eu sou uma menina/mulher que pulou etapas da vida. Não sei o que é ser adolescente, não tive tempo. Aos 16 anos, já era mãe, dona de casa e esposa. Entrei na vida adulta sem estrutura, sem maturidade nenhuma, não tinha idade para isso. Morava na roça, com meus pais e irmãos, no estado do Piauí. Sem perspectiva de vida, meu único sonho era ter um bom casamento, ter dois filhos e uma casa. Era o que eu via se repetir na minha comunidade. Ouvia que "sorte da mulher que se casar com um homem trabalhador". Era o que eu almejava. Enfim, me casei e parei de estudar na quinta série. Meu marido veio para Brasília, em busca de emprego e,

assim que conseguiu, mandou que eu viesse. Nessa altura já estava grávida, não tinha noção nenhuma de como seria minha vida longe da minha primeira família. Meu Deus, eu não sabia nada da vida. E, no meio de tantas turbulências, eu fui crescendo e aprendendo a me defender e defender meus filhos. Meu primeiro filho nasceu em 2004. Passaram dois anos, que minha única função era ficar em casa, cuidando dos afazeres, ainda não tinha idade para tomar decisões sobre minha vida e algumas pessoas faziam questão de lembrar que meu marido mandava em mim. Mas como eu era uma menina espoleta, autêntica, determinada, conversadeira, como dizem, "era muito pra frente" (rsrsrs). Quando completei 18 anos, resolvi voltar a estudar, não conhecia o alfabeto, foi difícil demais. Tinha vergonha quando ia ler, era corrigida o tempo todo, isso me desanima, fui chamada de burra tantas vezes que quase acreditei que não ia aprender mais. Em 2007 me matriculei na EJA na Ceilândia. Estava determinada a mudar minha vida, sou filha mais nova e queria pelo menos terminar o ensino médio, já que nenhum dos meus irmãos tinha conseguido. Queria que meus pais sentissem orgulho em dizer que eu tinha estudado. Em 2009 engravidei e parei novamente com os estudos, já não queria mais estudar, voltar pra sala de aula com duas crianças não ia ser possível. Apesar da pouca idade, tinha grandes responsabilidades, filhos, casa, esposo, era uma vida restrita e muito simples. (Maria Neiva)

Mais uma vez aparece nos relatos a vinda para as regiões próximas a Brasília na esperança de melhores condições. Mais uma vez aparece também a maternidade precoce e os trabalhos domésticos como vetores de separação entre as participantes e a escolaridade que desejavam. É muito interessante acompanhar os marcadores presentes no texto que indicam que Maria Neiva atribui sentidos hoje ao que viveu no passado, como no trecho "*Meu Deus, eu não sabia nada da vida*". Isso ocorre também com muita força no trecho em que ela enxerga que mesmo seus desejos da época eram limitados pelo que se esperava de uma mulher em sua comunidade: "*Meu único sonho era ter um bom casamento, ter dois filhos e uma casa. Era o que eu via se repetir na minha comunidade. Ouvia que 'sorte da mulher que se casar com um homem trabalhador'*". O relato de Maria Neiva é fortemente marcado pelo conflito entre o lugar que lhe atribuíam e o lugar em que ela passou a querer para si. É muito forte também o relato das dificuldades que vivenciou na escola, que incluiu tantas humilhações, que ela passou a desconfiar de suas capacidades. Em muitos desses pontos, o relato de Neiva se aproxima do próximo relato, o de Cleonice, em que está muito marcado esse conflito sobre qual é o lugar que esperava de uma mulher no que se refere à escolaridade:

Venho de uma época em que a criança inicia sua vida acadêmica aos sete anos, sendo que fiz sete no mês de julho de 1985. No ano seguinte, às escondidas comecei a jornada escolar. Pois o patriarca da família é extremamente preconceituoso. Por conta disso, a filha mulher não poderia estudar da mesma forma que os filhos homens, pois para o meu pai, a mulher deveria aprender a cuidar de casa e não estudar. Para o senhor Sebastião, era isso que uma mulher deveria aprender, sendo que grande parte da família apoiava o seu jeito de pensar. Como a minha mãe não queria o mesmo futuro que foi se seguindo para a filha, fez a matrícula na surdina para que ninguém da família soubesse, sendo que ameaçou colocar os meus irmãos de castigo, se contassem que eu estava estudando. Na plena leiguice da minha mãe, ela não pensou que o bando de desocupados da rua daria com a língua nos dentes.

As pessoas contaram para o meu pai que eu estava estudando. Com isso passei uma grande vergonha, pelo fato de meu pai ter ido na escola e ter tentado me tirar de lá à força. Depois de muita conversa dos adultos (pois eu não tinha voz por conta da minha criação) e muita discussão por conta do meu pai, foi me permitido estudar. Porém na hora dos deveres de casa, só era ensinado o meu irmão mais velho. Em uma única vez que recebi ajuda em um dever de matemática e acabei errando a questão, fui ofendida e lembrada de que, no pensamento machista do meu pai, aquele não era o meu lugar. Com muita luta e traumas que eram descritos como “preguiça” consegui chegar à quinta série, e pensei “agora vai”, só que não foi. Resolvi namorar e, por conta desse namoro precoce, me lasquei. Porque era pra ser um simples namorico e acabei ouvindo a pior fala da minha vida “FILHA MINHA NAMOROU TEM QUE CASAR”. Depois dessa fala do meu pai, o meu namoradinho fez o inesperado. Para afrontar a ignorância de um, o outro ignorante trouxe as alianças e eu fui obrigada a casar com 13 anos, mas não fui obrigada a continuar casada e, depois de dois anos e oito meses, foi a minha primeira decepção com o casamento. Abandonei os estudos pela primeira vez, e fui encarar uma vida adulta sozinha, pois não voltei a morar com os meus pais. Tentei voltar a estudar, mas por conta de alguns fatores de risco na minha vida fiquei só na vontade. Anos mais tarde casei de novo e com isso veio a minha primeira lagartixa (filha), então com a ajuda da minha ex-sogra voltei a estudar aos 20 anos e conheci o meu segundo marido na sala de aula. Terminei o fundamental II e tentei dar continuidade ao segundo grau assim chamado na época, mas por conta do horário de saída do trabalho e a distância da única escola que ofertava o segundo grau parei os estudos pela segunda vez. (Cleonice)

Cleonice traz o relato que mais escancara o papel do machismo e do patriarcado como fator que nos distancia da escolaridade pretendida. Antes mesmo de chamar seu Sebastião de pai, ela se refere a ele como “o patriarca da família”. É simbolicamente muito forte a recordação-referência de um pai retirando à força sua filha da escola na frente dos colegas. E eu me solidarizo com Cleonice ao imaginar o quanto isso pode ter tido um efeito traumático na sua relação com a escola e o quanto isso pode ter produzido sentimentos de insegurança e dúvidas sobre se a escola era de fato um lugar para si.

Na leitura desses seis relatos, é muito interessante perceber o quanto eles possuem uma dimensão singular, mas remetem também a referenciais coletivos (socioculturais e sócio-históricos), como previa Josso (2007). Um ponto importante é que todas as participantes indicam que vieram de famílias cujos pais já tinham escolaridade baixa, com exceção de Cleonice que, embora indique que sua mãe não teve oportunidades, não deixa clara a escolaridade do pai. Essa observação encontra ecos com uma discussão que o professor Antônio desenvolve em sua tese a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE, 2017), segundo a qual, adultos escolarizados têm maior capacidade de prover um ambiente propício à educação de seus filhos, de acompanhar seu progresso, e de orientá-los a participar mais efetivamente da vida em comunidade:

A PNAD revela que filhos de pessoas não alfabetizadas têm menor possibilidade de ascender socialmente em comparação com os filhos de pessoas alfabetizadas. Além disso, a mesma pesquisa mostra que a escolaridade dos pais influencia o rendimento

médio dos filhos, independentemente da escolaridade desses filhos. Assim, do ponto de vista estratégico, investir na educação de crianças e adolescentes pressupõe também que se invista na educação de adultos. Do contrário, corre-se o risco de perpetuar as mesmas engrenagens que reproduzem o círculo de miséria, exclusão e baixa escolaridade. (Araújo Júnior, 2014 p.24)

Uma versão mais recente da PNAD Contínua (IBGE, 2020) indica que, embora a proporção de pessoas de 25 anos ou mais com ensino médio completo tenha crescido no país, ainda vivemos um cenário em que mais da metade dos adultos do país (51,2%) ainda não concluíram essa etapa da educação básica. Isso corresponde a quase 70 milhões de pessoas. Embora os relatos aqui apresentados não carreguem a pretensão de produzir resultados generalizáveis, eles podem servir a produzir reflexões sobre alguns desses vetores de exclusão.

Mas é importante lembrar que, por mais que as histórias das participantes até esse momento se pareçam muito com o roteiro da animação "Vida Maria" comentado na apresentação deste trabalho, o final das histórias é diferente. Nossas participantes já não mais se encontram nessas estatísticas. Todas elas concluíram a educação básica no curso técnico em Enfermagem na modalidade EJA no Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás. A próxima seção mostra como a presença do nosso Câmpus foi um momento de reorientação da trajetória de vida das participantes.

SEGUNDO MOMENTO - O INGRESSO NO CURSO TÉCNICO NA MODALIDADE EJA E O REENCONTRO COM A ESCOLARIZAÇÃO

O reencontro com o processo de escolarização se deu pela descoberta de que existia um Câmpus do Instituto Federal de Goiás no município de Águas Lindas, que se localiza no entorno do Distrito Federal. É muito interessante ver que a maioria das participantes dedica um momento de seus relatos para contar a maneira como ficaram sabendo do curso, inclusive eu mesma, naquela narrativa que escrevi ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa, antes de ouvir os relatos das minhas colegas:

Andando pelas ruas de Águas Lindas, encontrei um panfleto de divulgação dos cursos do IFG-Águas Lindas e este pedacinho de papel começou a me dar coragem. Foi quando me inscrevi para concorrer a uma vaga. Nem sabia o que era, mas a vontade de estudar falou mais alto. Tanto que me inscrevi no curso “errado” de Análises Clínicas, que seria para estudar o dia todo, fiquei pensando “como vou fazer?”. Pois não poderia largar o emprego para estudar o dia inteiro. Então procurei a instituição. Foi quando um gentil servidor conversou comigo e me disse para me inscrever novamente, dessa vez na EJA. Ao chegar em casa, a minha filha fez a minha inscrição e logo recebi um e-mail para comparecimento no IFG, para assistir uma palestra e fazer uma entrevista para ver se meu perfil se encaixava com o que se pedia, pois não era só a EJA, era junto com o curso técnico em Enfermagem. Para minha surpresa, o mesmo servidor que me deu a dica, foi o meu entrevistador. Lembro do servidor me perguntando se eu tinha medo de sangue, logo respondi: “tenho!”. Foi quando ele disse que poderia perder esse medo. Meu coração se encheu de alegria, pois entendi que já conseguiria aquela vaga, para voltar a estudar. Eu passei. Depois de 18 anos fora da escola, vi os meus sonhos voltando a ser possíveis novamente. Eu terminaria o meu ensino médio e ainda sairia com o curso técnico de Enfermagem. Com o apoio de meus filhos e muita determinação, fiz minha matrícula. Começava novamente muitas lutas, porém a vontade de estudar era maior que elas. (a autora)

Mesmo sem ter tido acesso ao meu relato, o relato de Erika tem basicamente os mesmos elementos, dispostos na mesma ordem: ela conta como ficou sabendo do curso, menciona a inscrição pela página do Instituto e as etapas de seleção e, por fim, relata a euforia que isso lhe produziu. Erika também menciona o apoio de seu companheiro, da mesma maneira que eu menciono o apoio de meus filhos:

Uma tarde, ao retornar do trabalho, vi pela a vidraça do ônibus, em frente ao IFG, uma placa com a oportunidade de dar continuidade ao meu ensino médio, já com o curso técnico em Enfermagem, fiquei eufórica. Chegando em casa, acessei o site e realizei a minha inscrição, participei de todas as etapas e fui convocada na segunda turma da EJA. Contei com o apoio total do meu companheiro. (Erika)

O interessante é que, diferentemente de mim que fiquei sabendo do curso por meio de um panfleto na rua, Erika teve esse contato por uma placa que foi vista pela janela do ônibus.

Como veremos no relato abaixo, Cleonice não estava saindo de casa com frequência, pelas demandas de cuidado com suas filhas, apelidadas carinhosamente, desde o primeiro relato, como "lagartixas". Cleonice então ficou sabendo do curso por uma terceira via, a divulgação pelo noticiário local. Isso é interessante porque chama a atenção para a necessidade de divulgar os cursos dos IFs por diferentes meios na tentativa de atingir diferentes públicos:

Em um ano extremamente conturbado estava tentando assistir o noticiário do jornal local e dar papinha para a lagartixa mais nova, quando veio a notícia que me fez acordar para vida acadêmica novamente, que foi a abertura das inscrições para a EJA integrado ao curso técnico em enfermagem. Com isso, fui perturbar o juízo da minha sobrinha, que atualmente cursa Licenciatura em Ciências Biológicas no IFG, para fazer a inscrição, pois nem ligar o computador a bonita aqui sabia, quem diria fazer a inscrição. Depois de toda a burocracia feita, e sem nenhuma esperança de conseguir uma vaga, deixei pra lá. Em pleno expediente de trabalho, recebi a melhor ligação da vida, que eu passei na 6ª colocação. Fui toda empolgada para o meu primeiro dia de aula (parecendo um balão, se alguém viesse com uma agulha eu estouraria). (Cleonice)

Assim como Erika e eu, Cleonice expressa com ênfase a euforia de voltar a estudar. E, da mesma forma que eu, pelas dificuldades em operar o computador, Cleonice menciona a ajuda que teve para acessar a página do Instituto e fazer a inscrição. No caso de Maria Fabiana, nós não sabemos como sua irmã ficou sabendo da oferta do curso, mas ela não só lhe ajudou, como foi a responsável por sua matrícula:

Em 2014, minha irmã ficou sabendo do IFG-Águas Lindas e me inscreveu para o curso de Enfermagem. (Maria Fabiana)

O mesmo aconteceu com Francisca Eudes. Quando ela já era avó, um de seus filhos fez a matrícula dela no curso sem que ela sequer soubesse:

Depois de longos anos, com os filhos já criados, casados e seguindo seus caminhos, meu filho mais velho resolve fazer a matrícula no IFG-Águas Lindas, avisando via telefone somente depois para contar. Naquele momento, eu desesperada falei "Como assim? Você está doido. Eu não dou conta, filho...". E a resposta foi: "dá sim, mãe! Chegou a sua vez. Todos nós somos capazes e a senhora não pode perder essa oportunidade, o ensino é gratuito e de excelente qualidade. A instituição de ensino é federal e, para além disso, você concluirá o ensino médio e ainda terá uma profissão". Mas aos 47 anos de idade, já avó, sem esperança, cansada. Era apenas uma tentativa impossível. Em 2015, no início do segundo semestre, eu entro em sala-de-aula, trazendo na bagagem as dificuldades vivenciadas ao longo dos anos, a dor de perder o pai, a decepção, a timidez, o medo, a insegurança, Timidez.... que aos poucos, foram se transformando em esperança de dias melhores. (Francisca Eudes)

Quando lemos essa parte do relato de Francisca Eudes, lembro do professor Antônio comentar que deveríamos convidar o filho de Francisca para fazer propaganda dos cursos do IFG, pela precisão nas informações e pelo entusiasmo com que as compartilhou com sua mãe.

O interessante é que diferente do que relatamos, Erika, Cleonice e eu, o primeiro sentimento de Francisca Eudes não parece ter sido o de euforia, mas o de insegurança. Ao invés de um peito estufado como um balão, Francisca relata ter chegado ao curso com uma bagagem de dificuldades, dores, decepção, timidez e medo. Mas que, aos poucos, isso foi se transformando em esperança. Em uma segunda parte do seu relato que trago a seguir, Francisca Eudes revela que se surpreendeu ao ver que o curso colocou outras coisas nessa bagagem, incluindo um prêmio em um congresso científico:

Foi surpreendente e relevante todo o conhecimento adquirido durante todo processo de aprendizado e desenvolvimento, não somente na área profissional mas sobretudo no lado pessoal. Cada acerto era uma conquista, e a cada erro não mais um desânimo, não mais uma porta a se fechar, porque dava vontade, garra e determinação de fazer diferente, aprender, absorver conhecimento e aprimorar cada vez mais. Ainda durante o curso, fui convidada pela professora Patrícia Oliveira para participar do PIBIC [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica], o que resultou em prêmio destaque no 19º Congresso de Pesquisa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília-UnB, apesar das dificuldades de falar em público, da timidez e do medo. Esse período foi de muito aprendizado e, acima de tudo, de superação. Para finalizar, hoje aos 54 anos, realizada, feliz, e principalmente grata a todos que contribuíram diretamente e indiretamente nesse processo de evolução pessoal e profissional. Me sinto independente, com autoestima elevada e carrego na bagagem todo o conhecimento adquirido. (Francisca Eudes)

Essa menção às dificuldades foi bem comum nos relatos das participantes. Bem como essa menção à conquista de uma independência e de uma autonomia, que não é só do ponto de vista financeiro, mas também do ponto de vista subjetivo. Em uma segunda parte de seu relato sobre sua passagem na EJA, Erika também revela as dificuldades que enfrentou e a forma como foi crucial a rede de apoio que foi se consolidando em volta dela:

Foram momentos difíceis, pois eu tenho três filhos, mas uma certeza dentro de mim existia, de não querer desistir, era tudo ou nada. Todos me apoiaram no IFG. Por muitas vezes, levei meus filhos. Foram longos quatro anos, diversos problemas surgiram, mas a cada dia eu tinha certeza absoluta do que eu queria. Cada aula me encantava pela a profissão, todos nós em algum momento da vida precisamos enfrentar diversos obstáculos durante nossa trajetória, e teve alguns casos que pareciam impossíveis de atravessar, desistir era uma opção mas não seria a melhor escolha, então busquei motivação nas histórias de vida dos meus professores e colegas de classe. Ao conhecer histórias de outras pessoas que conseguiram superar seus problemas, encontrei forças necessárias para superar meus medos e fraquezas. Para ajudar em casa, eu vendia mousse e salada de frutas para meus colegas de classe. A cada dia que passava eu tinha certeza do que eu queria. Noite em claro, estudando, pesquisando para ser uma boa profissional. Fui agraciada com um time de professores maravilhosos que sempre estavam à nossa disposição, não posso falar da minha história sem citar meu diretor Tiago Araújo, que sempre me aconselhou e não mediu esforços para me ajudar. No IFG, cresci como pessoa e alcancei meu grande sonho de ser uma técnica em Enfermagem. Vi meu esposo e minha família com orgulho da minha conquista, foram quatro anos árduos, porém gratificantes e inesquecíveis. Minha turma era uma apoiando a outra, e cada uma daquelas mulheres tinham histórias sofridas, e com a certeza de superar todos os obstáculos.

Quantas lágrimas escorreram pelos nossos olhos! A paixão pela profissão era maior que os problemas. Uma oportunidade única que não poderíamos deixar mais uma vez escapar. Tivemos uma formatura linda, emocionante, um novo passo era dado. Agora somos profissionais da saúde. Antes de me formar, já estava trabalhando e ganhando dinheiro com minha profissão que tanto amo. Nasci para cuidar, amo o que faço, mas meu sonho era trabalhar em hospital. Formei em dezembro de 2018, e em janeiro de 2019 fui contratada no hospital de Santo Antônio do Descoberto. Trabalhei por um ano e quatro meses, mas meu objetivo era servir minha comunidade de Águas Lindas de Goiás. Em outubro de 2019, consegui entrar no hospital Bom Jesus. Com tudo que passei, aprendi nunca desistir dos meus sonhos. (Erika)

Na seção anterior vimos que Erika tinha o sonho de infância de cuidar da sua comunidade como profissional da saúde. Por meio desse relato inspirador, nos emocionamos ao ver que, apesar das adversidades, ela conseguiu realizar esse sonho e que isso se tornou combustível para a busca de outras conquistas. Nesse sentido, parece ter sido importante o incentivo do companheiro, do corpo docente e de uma turma que se constituiu uma cultura de troca recíproca de apoio. Cleonice, na segunda parte de seu relato também traz tanto as dificuldades que enfrentou como menções ao apoio que recebeu para superar essas dificuldades:

Eu não sabia nem mexer direito no celular. Tive que aprender tudo do zero e descobrir que o que aprendi nos meus anos escolares foi muito defasado. Ou seja, tive que preencher as lacunas no meu conhecimento e aprender coisas novas. Por conta disso, em alguns momentos passei pela crise existencial que todo aluno passa, mas com ajuda dos meus colegas e de alguns professores, consegui vencer cada novo obstáculo. Um desses obstáculos foi aprender a mexer no computador e depois nas plataformas. Outro problema que surgiu no caminho foi o de vista. Para fazer prova, era uma luta. Teve uma vez que o professor teve que ler a prova de inglês porque juntou a cegueira e a ansiedade e não saía nada. Os problemas relacionados à minha educação deram uma breve trégua. Por outro lado, um carro estacionou na minha sala e eu tive que trabalhar dobrado para reconstruir parte da cozinha, do quarto e a sala por completo. Reconstruí a casa sem largar os estudos. A EJA foi, é, e ainda será muita coisa na minha vida, pois, com a EJA e o curso técnico em Enfermagem, esse casamento foi grandioso, hoje eu consigo sustentar a minha família sozinha, graças à minha profissão, e, por estar atuando, eu consegui sair de um casamento horrível. E hoje eu consigo viajar com meus filhos, consigo pagar minhas contas com tranquilidade. São coisas simples que são gratificantes: poder olhar para o filho e satisfazer a vontade dele é um prazer enorme. A EJA foi tudo na minha vida. Até um tempo atrás eu falava que o IFG foi a virada, a grande virada da minha vida. Foi muito difícil seguir os quatro anos, foi difícil demais, mas cheguei ao fim. É assim, hoje eu caminho para uma especialização, estou no aguardo da resposta. A EJA foi tudo para mim, e é tudo! (Cleonice)

O relato de Cleonice é muito forte em trazer a passagem pela Educação de Jovens e Adultos (EJA), conjugada com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como um "momento-charneira", para usar o termo trazido por Josso (2010). Isso porque essa passagem parece se constituir em seu relato como um forte momento de reorientação com mudanças de

estatuto social e de suas relações humanas: "o IFG foi a virada, a grande virada da minha vida". Ao mesmo tempo em que a dimensão EJA permite um retorno à escolaridade interrompida, dimensão EPT permite a atuação enquanto profissional. A autonomia subjetiva e financeira conquistada nessa fase de sua vida lhe permitiu ao mesmo tempo se sentir proporcionando mais qualidade de vida para si e seus filhos, bem como encerrar um relacionamento ruim. As transformações produzidas ao longo do curso também são tema do relato de Maria Neiva, segundo qual o período na EJA como os quatro anos mais difíceis que enfrentou em sua trajetória e relata que a relação com essas dificuldades se expressavam em um comportamento arisco que foi se transformando a partir da fala de um dos professores:

No início de 2015, comecei a estudar no IFG-Águas Lindas. Foram os quatro anos mais difíceis que já vivi até hoje na minha vida. Estava passando por problemas tão graves que não gosto de lembrar, ainda me dói, mas voltar estudar foi uma salvação pra minha vida. No início só ia pra sala porque não tinha para onde ir, era um refúgio de casa, dos problemas que estava enfrentando. Estava saindo de uma depressão que quase me levou à morte. Tempos difíceis, não aceitava ninguém se aproximar, era arrogante, brigona, mal humorada. Algumas pessoas até tentavam me ajudar, mas eu estava muito ferida pra confiar. Um dia um professor disse para mim que eu deveria me permitir conhecer as pessoas, pois estava muito áspera e isso me machucava mais. Ele fez uma comparação: "quando um cachorro está num canto ferido e chega alguém querendo cuidar ele vai rosnar, vai querer morder porque não confia". Assim estava eu, tão ferida que não baixava a guarda. Mesmo com todo peso que levava, consegui terminar o curso EJA e técnico em Enfermagem. No final já era outra pessoa, totalmente transformada, mais leve com os problemas, mais calma, e comecei a trabalhar no meu crescimento, porque essa nova versão me agradou muito. Gosto de saber que estou sendo melhor para mim e para os outros. Terminei o curso em 2018, sabendo ler e escrever bem, ainda tropeço em algumas palavras, mas longe do que era. A EJA me transformou de maneira significativa, transformou meu caráter, minha personalidade, o meu ser em todo. Ter tido a oportunidade de aprender a ler e escrever é excelente, me dá segurança, para falar, questionar e até mesmo dizer que não sei algo. E tudo bem se eu não souber. Digo e não sinto vergonha. E jamais vou aceitar que me chamem de burra novamente. Agora eu tenho conhecimento de quem sou, respeito e exijo respeito, de forma saudável. (Maria Neiva)

Ao mesmo tempo em que comenta o caráter transformador que a passagem pelo curso teve em sua vida, o relato de Maria Neiva chama atenção para a alta frequência de casos de depressão. A menção à depressão já havia aparecido no relato da Erika do primeiro momento e aparecerá de novo em outros relatos. Por tratar das intensas violências a que essas mulheres estão submetidas, a questão da saúde mental aparece muitas vezes tangenciando este trabalho. A segunda parte do relato de Maria Fabiana também mostra como as dificuldades que enfrentou no curso se somaram às agressões psicológicas que sofreu por parte de seu então companheiro:

Quando iniciei [o curso técnico em Enfermagem integrado à EJA], morava em Samambaia. Foram dias difíceis para estar dentro de sala-de-aula. Além da dificuldade de deslocamento, teve também o preconceito, as agressões psicológicas do companheiro, que não queria que eu estudasse, nem tivesse uma qualidade de vida melhor. Em uma sala-de-aula com pessoas mais velhas, uma experiência diferente, onde muitos achavam que a enfermagem era uma disputa, onde poucos ajudavam um ao outro. Tive professores acolhedores que sabiam que a conquista dos estudos poderia mudar a vida de cada um. Porém tínhamos diversos detalhes: nós éramos mães, esposas, trabalhadoras que saiam de casa às 4h da manhã para pagar as contas e alguns professores cobravam tanto, que esqueciam desses detalhes. Então, cada um de nós tivemos o nosso diploma, enfrentando o dia a dia. (Maria Fabiana)

Diferentemente da experiência que Erika teve com sua turma, em que se constituiu uma rede de trocas recíprocas de apoio, Maria Fabiana aponta um clima mais competitivo e de pouca troca de ajudas na vivência que teve com seus colegas. Além disso, Maria Fabiana é a primeira a apresentar uma queixa em relação a uma parte do corpo docente que não estava atenta às especificidades do público do curso técnico em Enfermagem integrado à EJA, em que predominava o perfil de mulheres que dividiram os trabalhos da maternidade com outros diversos tipo de trabalho. Mas o que se sobressai com mais força no relato de Maria Fabiana é a influência negativa que teve, sobre seus estudos, o relacionamento abusivo em que vivia. Para os objetivos deste trabalho, é muito importante o sentido que Maria Fabiana hoje atribui aos abusos vividos nesse relacionamento. Ela demonstra que entende essas agressões como motivadas exatamente pela ideia de que estudar traria uma autonomia que, por sua vez, seria uma ameaça à sua sujeição: "as agressões psicológicas do companheiro, que não queria que eu estudasse, nem tivesse uma qualidade de vida melhor". Essa elaboração de Maria Fabiana me ajudou a dar sentido também para o relacionamento abusivo que eu mesma vivi, também durante o curso técnico em Enfermagem, conforme trago na segunda parte do meu relato, quando falo das dificuldades que vivenciei:

E meu sonho realizou, consegui a vaga e voltei a estudar. Porém começaram os desafios que uma estudante da EJA enfrenta. Não só o medo de estar em uma sala-de-aula, mas o medo do meu esposo e pelos fantasmas do passado que aparecem na nossa memória. Entre 2015 e 2018 aprendi muitas coisas. A experiência foi incrível e as dificuldades também. Esta oportunidade oferecida pelo IFG valeu muito a pena. Foi difícil pelo fato de eu ter um trabalho e ter, na época, um esposo machista. Eu tinha que trabalhar para manter o sustento da casa e tinha que chegar em casa e fazer tudo correndo para ainda sim ir para a aula. Além das violências físicas e psicológicas que eu sofria em casa, meu esposo ameaçava tirar a minha vida se eu continuasse estudando. Mas com tudo isso, eu ia mesmo sabendo que ao chegar em casa, iria sofrer agressão. Meus filhos me motivavam a não parar, e eu sentia que aquilo não era em vão. Os semestres foram passando, os conhecimentos chegando e os horizontes se abrindo. Aquele medo da sala-de-aula e medo do meu companheiro já não existiam mais, pois o meu objetivo era terminar o curso. Quantas vezes trabalhei aos finais de semana e era sábado letivo, então minha filha ia para a sala de aula no meu lugar, copiava os conteúdos até eu chegar e assumir. Sorte que os professores eram flexíveis, pois muitos conhecem a

dificuldade da EJA. Vieram os estágios, as visitas técnicas e em muitas dessas visitas, eu não pude participar. Os estágios, eu consegui cumprir, porém aqui deixo o meu relato de quem estuda e trabalha: tudo fica mais complicado, pois com o trabalho, temos que ter permissão de nossos patrões, e nem todos querem conciliar. E por fim, chegou o meu dia, em 2018, no dia 18/12/2018 lá estava eu me formando no meu ensino médio com o técnico de Enfermagem. Por opção hoje não trabalho na área, mas novas oportunidades surgiram, fiz o curso de PLPs oferecido pelo IFG e também neste tempo que fiquei em casa estudei para o ENEM que realizei no final de 2019, para assim conseguir ingressar na faculdade. (a autora)

Neste momento em que me dediquei a entrelaçar as histórias tanto do primeiro momento, sobre esses vetores de exclusão e evasão, quanto deste segundo momento sobre as dificuldades que enfrentamos, eu vi a dor pela qual passei encontrar dores parecidas nas outras participantes que passaram também pelos mais diversos tipos de violência e de depressão. Olhando para essas histórias assim, escritas e registradas, fica mais fácil ainda decidir que nunca mais quero passar por situações de violência. Como disse na apresentação deste trabalho, minha filha mais velha tem me ajudado na estruturação deste TCC. Enquanto mãe, tem sido uma experiência importantíssima ver minha filha tendo contato com aquilo pelo que passei e pelo que minhas colegas passaram. As histórias aqui trazidas têm me dado oportunidade de conversar com meus filhos sobre os motivos de eu ter investido tanto na educação deles e de explicar que até meus erros enquanto mãe se baseiam na tentativa de protegê-los, como disse Maria Neiva em seu relato da seção anterior: *"eu fui crescendo e aprendendo a me defender e defender meus filhos"*. No meu caso, esse crescimento e esse "aprender a defender-se" se deram também pela minha participação na primeira turma do curso de formação de Promotoras Legais Populares (PLPs) em Águas Lindas. Segundo a professora Aline Lima, que atuava como docente no IFG e coordenava o projeto, revela em sua dissertação de mestrado:

O projeto se propõe a formar mulheres para o combate à violência de gênero, bem como atuar em defesa de políticas públicas voltadas para mulheres. Atua principalmente em comunidades periféricas, onde se percebe forte ausência do Estado, e estabelece uma formação centrada na construção coletiva e na troca de saberes, buscando a emancipação das mulheres e não apenas a transmissão de saberes especializados já prontos. Estabelece-se, então, como proposição, que a Educação Popular tem um papel importante para as pautas feministas, uma vez que se dispõe a desconstruir padrões de comportamento, bem como reconhecer as opressões e superá-las. (Lima, 2020, p. 11)

Neste trabalho, eu venho somando camadas diferentes à minha voz. Eu comecei me apresentando como autora desta pesquisa e, ao longo do texto, eu tenho me colocado como participante uma vez que sou egressa de um curso da área da saúde integrado à EJA e que está

em vias de se tornar docente de Ciências Biológicas. Ao mesmo tempo, colocando minha história em diálogo com a outras mulheres que passaram por coisas parecidas, eu tenho me entendido também neste trabalho enquanto, filha, mãe, trabalhadora, negra, moradora do entorno do DF. Mas no momento em que eu trago ao trabalho esse trecho sobre a proposta das PLPs, eu me dou conta de que eu falo ao longo de todo esse trabalho como uma Promotora Legal Popular. Este trabalho também se assenta sobre os mesmos princípios de construção coletiva e troca de saberes entre mulheres, para reconhecimento de suas opressões e busca por alternativas para superá-las.

A próxima seção trata da entrada das participantes na licenciatura em Ciências Biológicas e de como essa verticalização produziu continuidades e interrupções.

TERCEIRO MOMENTO - A TRAVESSIA PARA A LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E A CONSTRUÇÃO DE UM CURSO ACOLHEDOR DAS DIVERSIDADES

De maneira geral, o relato das participantes indica que elas ingressaram no curso de licenciatura em Ciências Biológicas com a expectativa de que o curso superior representasse, de alguma maneira, uma continuidade no percurso de construção de autonomia que elas vivenciaram na EJA. Afinal, se a conquista de um diploma técnico já abriu tantas portas no âmbito profissional e já consolidou tantas conquistas no âmbito pessoal, é de se esperar que um diploma de um curso superior produzisse desdobramentos ainda mais intensos. O relato que trago dentro daquela narrativa que produzi, ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa, traz o mesmo entusiasmo com que entrei no curso técnico integrado à EJA:

Em 2020 tive a oportunidade de ingressar no curso superior de uma instituição federal. Mais uma vez, vi meus caminhos se abrirem. Aquela menina a qual encontrou tantas barreiras, filha de lavrador, agora aos 41 anos estava começando a ver seu sonho de ser professora mais perto, pois estava me matriculando no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Lancei minha nota de corte para conseguir uma vaga, foi quando notei as vagas que o IF estava liberando para quem fez o ENEM. Minha nota ficou em 11º lugar e havia 10 vagas, mas mesmo assim, não desisti. No dia da realização da matrícula, pedi que minha filha fosse até o Câmpus para mim, pois eu estava no trabalho. Quando a minha filha me liga e diz: “mãe, não foi dessa vez, as 10 vagas foram preenchidas”, eu só disse a ela que me esforçaria mais no próximo ano. Ao final daquele dia, eu voltando do trabalho no ônibus, recebo uma ligação do IFG, perguntado se eu tinha interesse na vaga. Eu mais que depressa respondi: “sim!”. Eles me disseram que um rapaz havia desistido da vaga, pediram para eu ir lá, levar os meus documentos, e já levar o caderno, pois eu já ficaria na sala-de-aula para estudar. Então meu filho levou os documentos para mim, realizei minha matrícula e já comecei a estudar. Quando tudo estava caminhando, um mês depois, veio a pandemia e passamos a ter aulas remotas. Veio o medo, os desafios, pois para mim. Era tudo novo, mas com a ajuda dos meus filhos, consegui. E neste meio tempo, veio minha terceira gravidez. Mais desafios encontrei, pois não foi uma gestação planejada. Hoje, o meu bebê me acompanha nas minhas aulas. Não está sendo fácil, mas não é impossível. Com a ajuda dos colegas, professores e gestores, estou seguindo. Tem os estágios, que são desafiadores pelo fato de eu ter de trabalhar mais uma vez aos finais de semana para reposição no meu trabalho. Essa jornada de trabalhar, ser mãe, ser universitária, exige muita força de vontade, principalmente quando vimos os colegas se dedicarem aos projetos, visita técnica e eu não poder ir. É muito chato. Porém estou seguindo com todas as barreiras. (a autora)

Mas aquela mesma história das "três Marias", que trouxe na apresentação, tem uma outra dimensão se pensarmos no fato de que éramos apenas três pessoas com o nosso perfil em uma turma de 30. O apelido advém, não apenas da coincidência entre os nomes, mas também do fato de que era notável que éramos poucas marias. No curso técnico em Enfermagem integrado à EJA, eu sinto que o rosto da turma era um rosto parecido com o meu: mulheres, mais velhas, mães, trabalhadoras. Em uma das aulas da disciplina de TCC,

quando a professora Alice pediu que compartilhássemos nossos pressupostos de pesquisa, eu falei sobre essa diferença que observava entre os dois cursos. Uma das colegas de sala, Sabrina Vilela, egressa do curso técnico em Análises Clínicas integrado ao ensino médio, comentou que mesmo ela sentia que os cursos superiores pareciam pensados apenas para jovens. Foi uma fala poderosíssima, que pedi depois que ela me enviasse por escrito para ajudar nas reflexões que fazia neste trabalho. Ela gentilmente produziu o relato abaixo:

Durante uma aula da disciplina de TCC, Maria dos Passos comentou a respeito de como se sentiu desconfortável ao entrar na graduação e se deparar com uma sala de aula composta, majoritariamente, por jovens. E ela, por ser a estudante mais velha da turma, sentiu que não pertencia àquele ambiente, mas, com o decorrer do curso, Maria dos Passos compartilha que se surpreendeu, pois se sentiu acolhida por toda turma e essa turma, de fato, tem o diferencial da união, elemento este que ajudou alguns dos estudantes a chegarem até o momento atual, o último semestre do curso. A partir do comentário de Maria Passos, Igor comenta que é possível notar que a união da turma é então um elemento fundamental para a boa formação. Eu comento que a partir do relato da Passos nós podemos perceber que turmas como a nossa [turma que ingressou em 2020] e o IFG-Águas Lindas como um todo, desconstruem toda ideia de universidade que está posta na sociedade, pois a graduação é totalmente elitista, é um ambiente no qual a competição se apresenta como um dos pilares. Infelizmente, a universidade não foi pensada para mulheres de 40 e tantos anos que trabalham e precisam cuidar de filhos pequenos. A universidade não foi pensada para as Manas, mas sim, para jovens de 20 e poucos anos recém-formados no ensino médio e que não possuem outra ocupação a não ser a graduação. Mas nós do IFG, estamos mostrando que a graduação pode e deve ser ampliada para outros públicos. (Sabrina)

De fato, o perfil da nossa turma é muito parecido com aquela rede de trocas mútuas de apoio, que Erika menciona, quando fala de sua turma da EJA. Sem dúvida nenhuma, eu concordo com Igor que a união da turma foi um elemento que permitiu a permanência minha e de Maria Neiva no curso até esse momento de culminância que é a produção do TCC. O próprio Igor Called, por sua destreza no manuseio das ferramentas eletrônicas e sua disposição em partilhar com os outros o que sabe, foi crucial na minha jornada. Tenho certeza de que se nossa turma tivesse um perfil competitivo eu talvez ficasse pelo meio do caminho. Outro ponto crucial foi a presença de Maria Neiva ao meu lado por todo esse percurso. À medida em que escrevo este trabalho, tenho me dado conta de que minha trajetória é marcada recorrentemente pelo fortalecimento mútuo ao lado de outras mulheres. Foi assim na EJA, foi assim nas PLPs, é assim na igreja em que frequento, foi assim na caminhada ao lado da Maria Neiva e tem sido assim agora, estruturando esse TCC com a ajuda da minha filha.

Maria Neiva também está neste momento produzindo seu TCC sobre conhecimentos quilombolas, sob orientação do professor Rafael Monteiro, que é geógrafo e pesquisa relações de poder e territorialidade. Isso remete a um fato curioso que não tinha sido trazido por ela em seu relato. Em meio à pandemia, o povoado do Piauí de onde veio Maria Neiva recebeu a

vacinação prioritariamente. Quando seus familiares perguntaram aos agentes de saúde o motivo do atendimento prioritário, receberam como resposta que aquele povoado era um remanescente de quilombo. Maria Neiva descobriu apenas recentemente que é quilombola e que são quilombolas os saberes tradicionais que ela tinha aprendido com as pessoas mais velhas de sua família. Não penso em nenhum exemplo melhor do que significa a expressão "caminhar em direção a si", que Josso (2007) usa para falar sobre o que caracteriza um percurso formativo. Estou trazendo esta discussão sobre mim e Maria Neiva, com mais ênfase para este texto porque, de todas as participantes que colaboraram com esta pesquisa, apenas eu e ela seguimos hoje no curso.

Os relatos que seguem deste ponto para a frente são relatos de evasão. A começar por Francisca Eudes que precisou trancar o curso por motivos de saúde:

Em 2022, iniciou a faculdade de Ciências Biológicas na mesma instituição de ensino, o IFG-Águas Lindas. Tranquei a matrícula no final do 1º semestre, devido a alguns problemas pessoais e de saúde, adquiridos após a perda da minha mãe. (Francisca Eudes)

Por ter sido tão concisa em falar do trancamento, não ficaram acessíveis nos relatos de Francisca os elementos que contribuíram para essa evasão. Como disse na seção dedicada a explicar o percurso metodológico dessa pesquisa, eu normalmente pedia informações adicionais nos casos em que elementos importantes ao escopo deste trabalho ficavam implícitos ou inacessíveis. Mas nesse caso de Francisca, eu não perguntei, exatamente por entender que envolve questões pessoais, que de toda maneira deveriam ficar preservadas do olhar do leitor, mesmo que ela me expusesse toda a situação.

O caso de evasão de Erika deixa explícito um fator que será comum nos relatos das outras participantes. É que no momento em que cursavam a licenciatura, essas estudantes já atuavam como técnicas em Enfermagem, desempenhando muitas vezes jornadas extenuantes, que incluíam extensos plantões:

Surgiu a oportunidade da faculdade de biologia, mas devido ao meu trabalho, os plantões sempre atrapalharam. Como eu estava sempre com sono, tive muita dificuldade em interagir com a turma. Por faltar à aula precisava sempre de auxílio e não senti o mesmo apoio que tive no curso técnico em Enfermagem. Então decidi me dedicar à minha profissão e desistir da Biologia. Desde que me formei, nunca fiquei desempregada. Sustento minha família com o meu trabalho. Colhi bons frutos de minha formação. Ajudei diversas pessoas, amigos e familiares. E sou grata ao IFG que me proporcionou uma grande mudança de vida. (Erika)

Há muitos elementos caros aos objetivos desta pesquisa nesse curto relato de Erika. Ela nos mostra que é difícil conciliar longos plantões com a carga horária elevada de um

curso superior. Ao mesmo tempo, ela nos fornece indícios de que, apesar das dificuldades, talvez conseguisse seguir no curso se tivesse tido mais auxílio. Esse auxílio pode se referir ao ambiente de ajuda mútua que tinha conseguido construir com sua turma da EJA ou mesmo à compreensão do corpo docente. Um outro elemento importante do relato de Erika é o fato de que, diferentemente do que acontecia nos relatos de evasão da educação básica, esse relato de evasão não se confunde com um fracasso ou de afastamento em relação aos próprios sonhos. Erika parece estar realizada enquanto profissional da saúde, que é o que ela queria fazer desde a infância. Maria Fabiana tem um relato parecido em muitos aspectos, com a diferença de que, ao contrário de Erika, encontrou na licenciatura um ambiente mais propício à troca mútua de apoio do que tinha encontrado na EJA:

Em 2019, prestei o vestibular para o curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Na sala-de-aula, a maioria era jovem. Eram poucas pessoas da minha idade. Mas vivi uma experiência totalmente diferente, com pensamentos diferentes. Uma galera que ajudava um ao outro, professores sensacionais. Veio a pandemia, onde todos mudaram sua rotina. Muitos ficaram desempregados e eu tive que trabalhar na área da saúde. O fator econômico modificou a minha rotina de estudos, onde tentei ser flexível. Com a ajuda dos colegas de sala, consegui ficar dois anos. Porém não consegui prosseguir. Fora que a minha vida tinha modificado em tudo. Mãe-solo tendo que dar conta de todas as despesas, tive que trancar a faculdade. Tentei durante três vezes retornar, mas a carga horária de trabalho não ajudava. Ainda continuo na área da saúde. Não pretendo retomar o curso de biologia. Penso em outra faculdade na minha área. Sou grata por ter uma profissão e estou mostrando para os meus filhos que uma preta, periférica e filha de uma doméstica e de um agricultor pode mudar a vida com os estudos. Nunca é tarde para aprender. O aprendizado dentro e fora da sala-de-aula, ninguém irá te roubar. E sempre que posso agradeço imensamente a oportunidade que tive em fazer parte do IFG como estudante, e saber o quanto mudou a minha vida. (Maria Fabiana)

Apesar de não citar isso como um dos motivos de sua saída do curso de licenciatura, o relato de Maria Fabiana traz bem marcado aquele mesmo elemento que me chamou a atenção quando conheci minha turma de licenciatura: "A maioria era jovem. Eram poucas pessoas da minha idade". É interessante pensar que em meio às dificuldades econômicas pelas quais passou durante a pandemia, Maria Fabiana acionou a sua formação de nível técnico como alternativa para sustentar sua família. Um elemento importante que ela traz é que ela carrega ainda o desejo de elevação de escolaridade para o curso superior, mas deseja fazer isso com uma graduação na área da saúde. Enquanto lia esse relato, eu pensava que o que distingue a minha história e a da Neiva de outras histórias, não é só o fato de que estávamos juntas em uma turma com a cultura de apoio mútuo. Nós duas éramos as únicas participantes que não atuávamos como técnicas em Enfermagem e não estávamos, portanto, expostas aos plantões

longos, e muitas vezes em regime de escala, que dificultavam a conciliação com a licenciatura que ocorre no período noturno.

Provavelmente o caso mais complexo e sensível de evasão entre as nossas participantes seja o caso da Cleonice. É um caso que parece ter como ponto de partida a mesma questão das jornadas extenuantes que caracterizam o trabalho das técnicas em enfermagem, mas atravessa outras questões muito preciosas para os objetivos desta pesquisa, como por exemplo, o acolhimento dispensado a essas egressas da EJA no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Por razões que envolviam questões de saúde, demandas de seu emprego e de sua família, Cleonice precisou reprovar por ausência seus dois primeiros semestres letivos na licenciatura (2019/1 e 2019/2), o que a levou a trancar o curso pelos dois semestres seguintes (2020/1 e 2020/2):

Faltando seis meses para terminar o curso técnico em Enfermagem fiz o vestibular para licenciatura em Ciências Biológicas. No ano de 2019 iniciei o curso e com isso tive novas batalhas pela frente. Na licenciatura os meus problemas de ansiedade e depressão vieram com força total, isto me fez desistir. (Cleonice)

Ao contrário do que se viu com muita frequência na pandemia de Covid-19, em que o fechamento das unidades de ensino trouxe uma onda de evasões, no caso particular de Cleonice se deu o contrário. O ensino remoto emergencial, que veio como resposta às exigências de isolamento, reorganizou a carga horária do curso, dividindo-a entre uma parcela assíncrona, com atividades no ambiente virtual de aprendizagem, e uma parcela síncrona, com aulas por plataformas de videoconferência. Essa maior flexibilidade reuniu as condições para que Cleonice conciliasse o trabalho com os estudos. Sob orientação do professor Herick Santana, coordenador do curso à época, Cleonice reverte o processo de evasão e retoma as disciplinas que havia abandonado no primeiro semestre.

Com a chegada da pandemia, consegui reunir forças e fui tentar continuar de onde parei, mas o professor Herick abriu os meus olhos e me mostrou que era melhor voltar ao início. Consegui concluir o terceiro período em meio a uma pandemia, estava bem mais motivada do que na primeira vez. (Cleonice)

De fato, Cleonice obteve aprovação em todas as disciplinas por três semestres consecutivos (2021/1, 2021/2 e 2022/1). E o que faz esse caso sensível é exatamente o que ocorreu no segundo semestre de 2022, com o retorno ao modelo presencial de ensino. O retorno ao ensino presencial trouxe de volta as dificuldades em conciliar a presença nas aulas, as demandas familiares e plantões com que muitas vezes ultrapassavam as 12 horas. No mês de setembro de 2022, após um desses plantões extensos, Cleonice chegou cansada à aula da disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia. O professor dividia o encontro

em uma parte teórica, com os pressupostos das diferentes abordagens para o ensino de ciências, e uma parte prática em que seus estudantes experimentavam uma aula que se utilizasse daquela abordagem apresentada. Naquela noite, se discutia o uso de simulações como estratégia para o ensino de ciências e, na segunda metade do encontro, a turma desceu para o pátio para uma simulação em modelo “pique-pegas” que, ao final, produziria um gráfico de dinâmica populacional. Por conta do cansaço, Cleonice não entendeu as regras da simulação e não se posicionava da maneira combinada. O professor então se dirige a Cleonice perguntando se ela estava desinteressada pela aula. Quando ela responde que não era desinteresse, mas cansaço, o professor então lhe diz que ela não precisa permanecer e que poderia voltar para casa, caso quisesse. Cleonice volta então para casa arrasada, se sentindo exposta na frente da turma. Naquela mesma noite, ela decide que não vai mais seguir com o curso:

Estava morta de cansada de um plantão e mesmo assim fui para a faculdade, para chegar um professor e me desmotivar. (...) Professores mudam nossas vidas, seja para o bem ou para o nosso mal. Quando temos falas para o bem, ou seja, falas de construção, conseguimos vencer os problemas e seguir em frente, como as professoras Danielly Bandeira e Patrícia Oliveira fizeram. Mas, quando as falas são para o mal, ou seja, quando faz a pessoa se sentir humilhada, envergonhada, excluída, rejeitada e não desejada naquele ambiente, quem tem vontade de continuar? (...) Jamais tive a intenção de atrapalhar o momento de aprendizagem de ninguém, só quero que o professor saiba que a minha desistência teve em grande parte a sua ajuda e que o senhor professor pense seriamente antes de falar o que foi dito a mim para outro aluno, pois sonhos foram esmagados e expectativas jogadas no lixo. (Cleonice)

Neste momento é interessante lembrar que Cleonice já havia vivido, na infância, a violência de ter sido retirada da escola à força por seu pai na frente de todos, como relatado na seção "Primeiro momento", quando discutimos as violências que afastaram nossas participantes do seu percurso escolar. Enquanto pesquisadora, não me sinto autorizada a traçar uma relação direta ou causal entre esse episódio na licenciatura e aquele episódio da infância de Cleonice. Mas enquanto colega de Cleonice, tanto da EJA quanto da licenciatura, que tem uma história de vida com muitos pontos em comum, não consigo deixar de pensar que esse segundo episódio, de alguma maneira, dialoga com a violência que ela viveu na infância: mais uma vez um homem, em um gesto autoritário, a retira de uma sala, ainda que em uma outra conjuntura e com outras palavras.

Enquanto futura professora, esse episódio me faz pensar no quanto o ofício de docente demanda delicadeza com as histórias de vida dos estudantes. Nem sempre nós temos

consciência de quais traumas nossas falas podem engatilhar em nossos alunos. Mesmo nas situações que necessitam de um certo rigor, uma certa dureza, para conduzir as atividades, é importante se atentar para a gentileza.

Para esta pesquisa, o relato de Cleonice sobre sua evasão teve um efeito estruturante importantíssimo. Foi ele que nos fez pensar na sistematização das histórias de vida das participantes em três momentos: 1) um momento em que os sonhos ficam longe, porque é a separação entre a infância e a escola; 2) o retorno à escola na modalidade EJA/EPT, como um momento de libertação, de despertar, de busca por soluções, em que as pessoas retomam seu percurso de autonomia; 3) a chegada na licenciatura, que pode ser tanto uma coisa quanto outra. A experiência no curso de licenciatura em Ciências Biológicas pode, por exemplo, repetir a cultura de exclusão e abandono dos estudos que vimos no primeiro momento, como foi o caso da Cleonice. Mas ele também pode ser um lugar de continuidade e consolidação da autonomia que vemos no segundo momento, como está sendo o meu caso e o caso da Maria Neiva. É justamente isso que queremos, construir um curso em que as pessoas se vejam nele, se reconheçam nele, e saibam que ali é o lugar de construção do próprio caminho, a partir da educação.

Há ainda algo importantíssimo a ser dito sobre o caso de evasão da Cleonice: esse professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia, esse a quem ela atribui a responsabilidade sobre sua evasão, é o professor orientador deste trabalho e coordenador do curso. Uma parcela considerável do tempo destinado à leitura e análise dos relatos das participantes, por mim e pelo professor Antônio, foi direcionado a como expor aqui esse caso. Nós nos perguntávamos se seria correto um professor acusado de ser o motivo da evasão de uma participante ajudar a analisar o relato dessa mesma participante. Ao mesmo tempo, nós percebíamos que não seria mais simples ou mais fácil analisar o caso, se ele tivesse ocorrido com um outro professor, que não estivesse aqui para ajudar na leitura. A única maneira que encontramos de lidar com essa situação é, como estamos tentando fazer, mergulhando nessa complexidade e procurando trazer, com o máximo de transparência, o caso aos olhos de quem lê este trabalho.

Quando Cleonice evadiu, eu e o professor Antônio já estávamos há alguns meses trabalhando na escrita do projeto que se tornaria esta pesquisa. Como disse na apresentação deste trabalho, o professor Antônio é um estudioso do ensino de biologia para jovens e adultos e da formação de professores de biologia, fato que me fez procurá-lo e o convidá-lo a ser meu orientador. Ao mesmo tempo, o professor Antônio é o atual coordenador do curso de licenciatura em Ciências Biológicas do IFG-Câmpus Águas Lindas, fato que o fez me sugerir

um trabalho que tivesse como um de seus principais objetivos o de contribuir com a permanência e êxito dos estudantes do curso.

Penso que esse é um caso muito interessante para pensar que, mesmo um professor que se vê como sensível e preocupado, mesmo um professor que se constituiu professor no contato com a EJA e produziu uma dissertação e uma tese pensando nesse espaço como um espaço de possibilidades, mesmo um professor que me inspirou a escrever esse trabalho na intenção de deixar o curso mais acolhedor, mesmo essa pessoa pôde ter uma postura que foi vista como violenta por uma aluna. Penso hoje, a partir do relato de Cleonice, que é comum que nós consideremos, mesmo inconscientemente, que os erros são exclusividade de maus professores. É um caso interessante para se lembrar que bons professores também erram e que também podem aprender com seus erros.

Este TCC tem sido uma experiência de aprendizado tanto para mim quanto para meu orientador. O professor Antônio, em suas aulas sobre ensino de biologia na EJA, ensina que a nossa história tem valor. A ideia de fazer um TCC que valorize a nossa história, como este, pode ser a primeira recomendação para tornar o curso um ambiente mais acolhedor para estudantes da EJA. E isso não vale só para o TCC, mas para todas as produções do curso. Junto com isso, pode vir a recomendação de empreender esforços na construção de uma cultura de diversidade e pluralidade nas turmas, em que pessoas mais velhas possam sentir que a graduação é também o lugar delas. Dentro dessa cultura, é mais fácil haver trocas de apoio, em que as pessoas mais velhas não só recebem ajuda como também se sentem contribuindo com a qualidade do curso. A questão da escala e do trabalho extenuante das técnicas em enfermagem segue sendo um desafio, uma vez que o curso de licenciatura tem uma carga horária grande e inflexível pelas exigências formais dos cursos superiores. Mas um olhar sensível e cuidadoso para as especificidades desses alunos é sempre bem vindo. Pode-se defender, por fim, a aposta de que um curso que seja acolhedor para egressas da EJA é provavelmente um curso acolhedor para qualquer público.

A próxima seção, a última deste trabalho, se dedica a traçar algumas amarrações que podem ser feitas a partir das reflexões que emergem das narrativas. É ela também que sinaliza quais são as pontas soltas deste trabalho, que podem servir de gancho a outras pesquisas sobre a temática da verticalização nos Institutos Federais.

ALGUMAS AMARRAÇÕES E MUITAS PONTAS SOLTAS

Esta proposta de pesquisa partiu da minha própria história para construir um diálogo com a história de outras cinco mulheres que, como eu, concluíram o curso técnico em Enfermagem integrado à modalidade EJA e também ingressaram no curso de licenciatura em Ciências Biológicas, ambos no IFG-Águas Lindas. A intenção era compreender a travessia entre esses dois cursos, dentro de um entendimento do papel dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) enquanto instituições públicas, inclusivas e democráticas, estruturadas na formação integrada e nos princípios de territorialidade e verticalização.

Um dos objetivos deste trabalho era evidenciar a influência que a condição de egressa da EJA produz na construção da nossa identidade docente. Essa pergunta precisou se concentrar apenas sobre a minha história e a de Maria Neiva, uma vez que, das seis participantes desta pesquisa, apenas nós duas seguimos até este momento do curso. Momento este que corresponde ao último semestre, que é o período da entrega da versão final de nossos TCCs. Nós duas atuamos como residentes do Programa Residência Pedagógica da CAPES, que em nosso Câmpus ocorre sob orientação também do professor Antônio. Um trecho do relato da Maria Neiva, trazido há algumas páginas, nos dá pistas para pensar na maneira pela qual sua condição de egressa da EJA têm influenciado a construção de sua identidade docente:

A EJA me transformou de maneira significativa, transformou meu caráter, minha personalidade, o meu ser em todo. Ter tido a oportunidade de aprender a ler e escrever é excelente, me dá segurança, para falar, questionar e até mesmo dizer que não sei algo. E tudo bem se eu não souber. Digo e não sinto vergonha. E jamais vou aceitar que me chamem de burra novamente. Agora eu tenho conhecimento de quem sou, respeito e exijo respeito, de forma saudável. (Maria Neiva)

Maria Neiva tem consciência do que aprendeu e isso lhe dá segurança até mesmo para lidar com o que ainda não sabe. É muito forte também a ênfase com que Neiva afirma ter conhecimento sobre quem ela é e, por isso, decide não permitir que desmereçam seus conhecimentos. Impossível não relacionar isso com o fato de que essa perspectiva vir acompanhada do seu autorreconhecimento enquanto quilombola e de estar produzindo um TCC sobre os saberes quilombolas de sua comunidade. Tudo isso aponta no sentido da construção de uma identidade docente marcada por esse "saber quem se é".

Esse também é o meu caso. Desde que abri este texto escrevendo meu nome, tenho pensado que esta pesquisa é, do ponto de vista formativo, um caminhar em direção a mim.

Como previa Passeggi (2010), ao longo deste texto, eu tenho afirmado e reafirmado que narrar é, de fato, um atributo humano e humanizador. A partilha do meu relato, enquanto participante-autora, me possibilitou articular, por meio das narrativas que produzimos sobre nós, as experiências pelas quais passamos, atribuindo sentidos à nossa própria trajetória. Nesse momento eu uso a primeira pessoa do plural porque tenho reconhecido, ao longo deste texto, que sou uma mulher que se fortaleceu ao lado de outras mulheres. Como disse, eu vivi esse fortalecimento mútuo na EJA, nas PLPs, na igreja em que frequento, na caminhada ao lado de Maria Neiva e por estar estruturando este TCC na companhia de minha filha mais velha. Certamente, por ser parte de mim, isso também é parte da identidade docente que venho construindo e que pretendo levar para minha atuação na sala-de-aula, a partir do semestre que vem.

Além de oportunidades para pensar a nossa própria identidade docente, deste trabalho também emergem elementos importantes para se pensar a identidade das licenciaturas nos Institutos Federais. Uma vez que, como vimos, essas instituições têm por vocação chegar em lugares que as universidades historicamente não alcançavam, elas também formam professores dentro de uma perspectiva de interiorização da educação. A pesquisadora Fernanda Bartoly Lima (2014), em sua pesquisa sobre a formação de professores nos IFs, tem reafirmado que a chegada a regiões "menos desenvolvidas economicamente" tem trazido ganhos para a educação dessas regiões, não só pelo pela oferta de cursos técnicos integrados à educação básica, mas também pela formação de professores que vão atuar nas redes estaduais e municipais:

A interiorização da educação, realizada pela expansão dos Institutos Federais, é vinculada, nos materiais analisados, ao desenvolvimento local e regional. A interiorização da educação ocorre com a criação de novos Institutos Federais e seus respectivos *campi* em regiões menos desenvolvidas economicamente, facilitando o acesso aos estudos que antes demandariam um deslocamento para as grandes cidades. Sobre a ação de formar professores em regiões interioranas, é dito que isso poderia garantir a qualidade do ensino necessária à região. Nota-se, nos discursos das entrevistas, a ideia de que no interior é mais difícil ter professores, especialmente nas ciências da natureza e da matemática, e que, por isso, a ação dos IF em formar professores em regiões menos populosas seria fundamental. (Lima, 2014, p. 79)

Assim, a interiorização da educação promovida pelos IFs abre as portas da licenciatura a pessoas que antes não teriam oportunidade de ingressar em um curso superior. Isso é importantíssimo no cumprimento do papel institucional de se consolidar como um centro educacional científico, tecnológico e cultural de produção (a partir de saberes locais) e difusão de conhecimentos. Ao mesmo tempo, isso só é possível se outro papel institucional for

cumprido, o de se alinhar às necessidades da classe trabalhadora no atendimento da diversidade sociocultural que a compõe. Assim, é importante que as licenciaturas possam ser acolhedoras com o público diverso que se deseja alcançar. Isso não se refere apenas às políticas de permanência e êxito, mas também a organizações curriculares que possam se beneficiar dessa diversidade e pluralidade na construção de saberes docentes.

Este trabalho, por exemplo, produziu conhecimentos a partir da diversidade já existente no curso de licenciatura em Ciências Biológicas do IFG-Águas Lindas. Ele só foi possível porque havia egressas da EJA que verticalizaram para o curso superior. Este trabalho parte portanto da diversidade já existente para produzir mais diversidade, uma vez que ouvir egressas da EJA pode ajudar no diagnóstico dos desafios e potencialidades desta verticalização, refletindo sobre alternativas para superar esses desafios e se aproveitar dessas potencialidades. Nesse ponto se insere a reflexão da seção passada sobre a questão da escala e do trabalho extenuante das técnicas em enfermagem seguir sendo um desafio, já que o curso de licenciatura tem uma carga horária grande e inflexível pelas exigências formais dos cursos superiores. Chamamos atenção para a necessidade de um olhar sensível e cuidadoso para as especificidades dessas pessoas, para que o trabalho não seja um separador entre as pessoas e seus sonhos. Esse olhar sensível e cuidadoso é importantíssimo também no que se refere à saúde mental e à proteção contra violências de gênero, visto a recorrência desses elementos nos relatos das nossas participantes. Importante salientar que isso não representa, de maneira alguma, uma defesa da diminuição dos rigores teóricos e metodológicos na formação desses discentes. Pelo contrário, a excelência acadêmica do curso deve residir exatamente no esforço por democratizar, tornando acessível ao maior número de pessoas, com as mais diferentes origens, esses rigores teórico-metodológicos que são próprios de uma formação de excelência. Essa excelência democratizada demanda um acompanhamento atento para superar uma lógica elitista e exclusivista, vista em programas de ensino que selecionam um perfil específico de estudantes que "rendem melhores resultados", investindo neles e deixando pelo caminho quem não se encaixa nesse perfil. Este trabalho se insere na busca por essas alternativas que produzam um futuro com muito mais do que apenas três Marias em uma turma da licenciatura. E que todas as Marias que assim desejem possam chegar ao final do curso.

A presença de diversidade nas turmas de concluintes pode ser considerado um indicador de que o IF cumpre seu papel de contrariar as estatísticas. Há uma frase de Antonio Nóvoa (2017) outro importante autor no trabalho com narrativas autobiográficas que sintetiza essa busca por contrariar quem diz que a graduação não é lugar para mulheres, mães, negras e trabalhadoras: “O melhor da escola pública está em contrariar destinos. Podemos ser amanhã

uma coisa diferente do que somos hoje. Uma escola que confirma destinos, que transforma em operário o filho do operário, é a pior escola do mundo” (Nóvoa, 2017, p.1)

Como disse na seção dedicada ao percurso metodológico, a turma de 2023 ingressou na licenciatura em Ciências Biológicas quando eu já estava na fase de interpretação das narrativas. Assim, ela não participaria, a princípio, desta pesquisa. Mas enquanto eu já estava preparando a prévia deste trabalho, soube que outra egressa da EJA ingressou nessa turma, confirmando a tradição de ter sempre ao menos uma egressa da EJA em cada turma da licenciatura. Uma dia, em um dos atendimentos que teve na coordenação de curso, ela compartilhou com o professor Antônio que se sentia uma intrusa em uma sala com tantos jovens. O professor Antônio utilizou alguns dos resultados que já estavam emergindo desta pesquisa para mostrar que o curso era o lugar dela também. O professor Antônio a convidou para assistir a prévia da defesa deste TCC, que ocorreu em junho de 2023. Ao final da apresentação, eu tive a oportunidade de conversar com ela, escutar suas angústias e conversar sobre alternativas. Ela manifestou interesse em contribuir com esta pesquisa, trazendo para este texto também sua narrativa autobiográfica. Embora fosse tentador ter a narrativa de mais uma participante contribuindo com o mosaico interpretativo deste trabalho, eu e o professor Antônio pensamos que não faria sentido considerar a narrativa dela da mesma forma que as demais, porque, diferentemente das outras participantes, esta tinha presenciado a prévia de TCC e, portanto, já visto trechos das outras narrativas, bem como acompanhando a maior parte das reflexões que emergiram deles. No lugar, o que fizemos foi passar para ela o mesmo Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e pedir que ela nos relatasse os sentimentos que teve ao presenciar a prévia da defesa deste TCC.

Patrícia também autorizou que vinculássemos seu nome ao seu relato, que trago abaixo para finalizar este texto. Eu comecei este trabalho escrevendo meu nome, tal como a menina do filme "Vida Maria" a que me refiro na apresentação deste trabalho. Mas diferente do filme, eu termino escrevendo o nome de quem veio depois. Termina este texto, portanto, com o nome de Patrícia, esta colega egressa do curso técnico em Enfermagem integrado à EJA que ingressou na turma mais recente do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Eu me emociono ao saber que meu trabalho, mesmo antes de finalizado, já tem servido ao seu propósito de ajudar um curso de licenciatura em que pessoas parecidas comigo se sintam acolhidas e saibam que aqui também é o nosso lugar:

Me chamo Patrícia, tenho 44 anos, acabei me formar no curso técnico de enfermagem no IFG [Câmpus Águas Lindas], e hoje estou fazendo licenciatura em Ciências Biológicas. Estou no primeiro período. Bom, aqui eu quero relatar minha

experiência como estudante nesse curso. Chegando agora em uma turma onde a maioria é jovem. Não tem sido fácil, mas esse sentimento, ou seja, essa barreira eu mesma que tenho dentro de mim. Não tenho conseguido me envolver muito com eles, porém são jovens bem bacanas. Eu tenho a certeza que o problema está em mim. (...) Tenho enfrentado a falta de memória dramaticamente, sem conseguir me concentrar para os estudos, para produção de texto e para apresentar na frente da turma. E como se não bastasse, ainda preciso levar minha neta para faculdade, pois minha filha, a mãe dela, precisa trabalhar e só chega depois das 22h. Para não deixar minha neta sozinha, levo ela comigo.

Mas aí eu fui na prévia do TCC da Maria dos Passos, que contou sua história de esforço, batalhas e superação. Eu me senti renovada com a história dela e bem confiante. Depois que ela contou sua história, eu achei maravilhoso, e com isso, estou me sentindo bem melhor e cheia de expectativas para continuar nesse curso de Ciências Biológicas. Espero conseguir vencer, aprender bastante e vencer as frustrações da vida. (Patrícia)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO JÚNIOR., A. C. *Histórias de Vida penduradas em Cordel: uma experiência de troca de saberes no ensino de Biologia para a EJA*. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília - UnB, 2011.
- ARAÚJO JÚNIOR., A. C. *Meu Amanhecer vai ser de noite: Uma reflexão sobre formação de professores de biologia para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília, DF. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília - UnB, 2019.
- BONFANTE, R. e SCHENCKEL, C. O Princípio da verticalização nos Institutos Federais: Possibilidades e desafios. *Metodologias e Aprendizado*, 1, 83–90, 2020.
- BOMFIM, A. M.; RÔÇAS, G. Educação superior e educação básica nos Institutos Federais: a verticalização e a capilaridade do ensino a partir da avaliação dos docentes. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, Natal, v. 1, n. 14, p. 1-19, jun. 2018.
- BRASIL. *Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Seção 1, p. 1.
- FERRAROTTI, F. *Sobre a autonomia do método autobiográfico*. In: NÓVOA, A. e FINGER, M (orgs.). *O Método Autobiográfico e a Formação*. Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação: Clássicos das Histórias de Vida. São Paulo: Paulus, 2010.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). PNAD 2014: Nível de escolarização dos pais influencia no rendimento dos filhos. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9472-pnad-2014-nivel-de-escolarizacao-dos-pais-influencia-rendimento-dos-filhos> (Acesso em 14 de setembro de 2023)
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio> (Acesso em 14 de setembro de 2023)
- IFG. *Plano de Desenvolvimento Institucional 2019-2023*. 2018. Disponível em: https://www.ifg.edu.br/attachments/article/11546/PDI_IFG_2019_2023.pdf (Acesso em 11 de setembro de 2023).
- IFG. *Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Ciências Biológicas do Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás*. 2021. Disponível em: <https://www.ifg.edu.br/attachments/article/689/PPCbiologiaNovo.pdf> (Acesso em 11 de setembro de 2023).
- JOSSO, M. C. *Experiências de Vida e Formação*. Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação: Clássicos das Histórias de Vida. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, 3 (63), p. 413 - 438, 2007.

LIMA, A. C. L. Intersecção entre feminismo e educação popular na formação de Promotoras Legais Populares. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília - UnB, 2020.

LIMA, F. B. G. A formação de professores nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia : um estudo da concepção política. Natal: IFRN, 2014.

NÓVOA. A. Se fosse brasileiro, estaria indignado com a situação da educação. *Carta Capital*. 28 de março de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/se-fosse-brasileiro-estaria-indignado-com-a-situacao-da-educacao/> (Acesso em 14 de setembro de 2023)

PACHECO, E. *Institutos Federais: Uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica*. São Paulo, Fundação Santillana/Moderna, 2011.

PASSEGGI, M. C., “*Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório*”. In PASSEGGI, M. C. e SILVA, V. B. *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PASSEGGI, M. C., SOUZA, E. C., VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: Pesquisa (Auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, 1, 27, 369-386, 2011.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VIDOR, A., REZENDE, C., PACHECO E., CALDAS L. *Institutos Federais: Lei no 11.892 de 29/12/2008 – Comentários e reflexões*. In PACHECO (org.). *Institutos Federais: Uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica*. São Paulo, Fundação Santillana/Moderna, 2011.